

Gazeta das Aldeias

N.º 2508 • 1 DE DEZEMBRO DE 1963



Sala
Est.
Tab.
N.º

*João
Porto*

**estrume...
estrume...
e mais estrume!**



1 T O N E L A D A
DE MAGNÍFICO ESTRUME,
OBTIDO A PARTIR DE RESÍDUOS
DA SUA EXPLORAÇÃO AGRÍCOLA,
APENAS POR 10\$00
o milagre
chama-se

3037

PERHUMUS

DISTRIBUIDORES

acal

AV. RODRIGUES DE FREITAS, 68

TELEF. 55161-PORTO

Proteja a Pecuária Nacional



Os métodos de criação e as raças variam ...
mas

o AUROFAC* suplemento alimentício revolucionário,
para as aves de criação, os bezerros e os porcos, dá
sempre resultado...

porque

...dando-se-lhes AUROFAC* os animais produzem
maior lucro no mercado, visto estar provado que:

a crescem com
maior ra-
pidez

b dão mais carne
com menos
alimento

Sim... O AUROFAC*, que é devido ao labor de investigação
científica da American Cyanamid Company, contem
AUREOMICINA* e Vitamina B₁₂... obra autênticos milagres!

Dê sempre a suas aves de cria-
ção, bezerros e porcos, alimen-
tos que contenham...



AUROFAC*

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

WAYNE, N. Y. E. U. A.

3243

* Marca Registrada

Representantes exclusivos para Portugal e Ultramar:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.^ª
Rua Conde Redondo, 64 — LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO

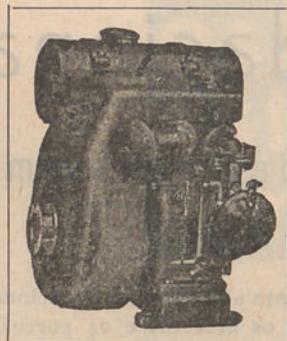


GAZETA DAS ALDEIAS

(493)

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-À NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53398 3532

O MELHOR CAFÉ

É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**

ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam

Frasco pequeno - 12\$50 - Frasco grande - 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.

DISTRIBUIDORES
GERAIS:

Vicente Ribeiro
& C.^a

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, Dt.º

LISBOA



SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfices, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couves bróculo, Couves flor, Lombarda, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Tronchuda Espinafres, Rabanetes, Repolhos, assim como: Azevêns, Eucaliptos, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa colecção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER de preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

«SEMENTEIRA» de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO

CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente



Snr. Lavrador

F a ç a a s s u a s c o n t a s !

Prefira como adubo azotado o

Nitro-Amoniacal C. U. F. Concentrado

com 26,5 % de Azoto

(Metade nítrico * Metade amoniacal)

pois é de todos os adubos azotados
aquele que resulta **MAIS BARATO.**

Pode aplicá-lo, quer à

SEMENTEIRA quer em COBERTURA



Companhia União Fabril

LISBOA - 3

Av.^a do Infante Santo
(Gaveto da Av.^a 24 de Julho)



P O R T O

R. do Bolhão, 192-3.º

DEPÓSITOS E REVENDEDORES EM TODO O PAIS



Tesouras de Poda, das reputadas marcas:
«PAM» — «NOGENT» — «PRADINES» — «GRANATE»
aos melhores preços do mercado.

Aparelhos para Análises de Vinhos, das conhecidas marcas:
«DUJARDIN SALLERON» — «BARUS» — «HEBEL»
a preços de concorrência.

Produtos Enológicos, das melhores qualidades
aos mais baixos preços.

Material de Adega, tais como: *Bombas - Filtros - Máqui-
nas de encher - Máquinas de Gaseificar - Máquinas
de Rolhar - Postigos - Válvulas - Tampões - Tornei-
ras*, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

3876

Telefs. 28093
53173

COLMEIAS, CERA MOLDADA E UTENSÍLIOS APÍCOLAS

Fabricante desde 1935 da colmeia

LANGSTROTH-ROOT

Alberto da Silva Duarte

Rua Capitão Luís Gonzaga, 38 — Telef. 23337
COIMBRA 3904

H. KLEIN, L. DA

Sucessores da casa H. KLEIN — fundada em 1894

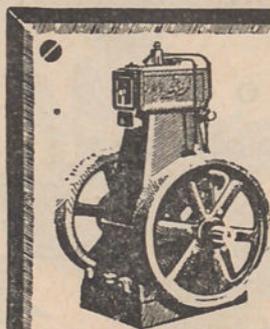
Produtos Enológicos — Taninos, gelatinas,
produtos especiais para o tratamento, melhora-
mento e clarificação de vinhos.

Derivados de Mosto de Uva do Douro — Mosto
esterilizado, Mosto concentrado, Mosto torrado.

Carvões vegetais activos — Para Enologia,
Indústria açucareira, Indústria química.

Rua da Montanha, 177—Vila Nova de Gaia
Telef. 390141—Telegr. NIELK

1893



DESDE 3½ HP - 600 R.P.M.

MOTORES A ÓLEO

BAMFORD

DIESEL

O MELHOR
MOTOR INGLÊS
PARA A
AGRICULTURA
E PEQUENA
INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FACEIS DE
MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L.ª
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. do Batalha - PORTO

MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

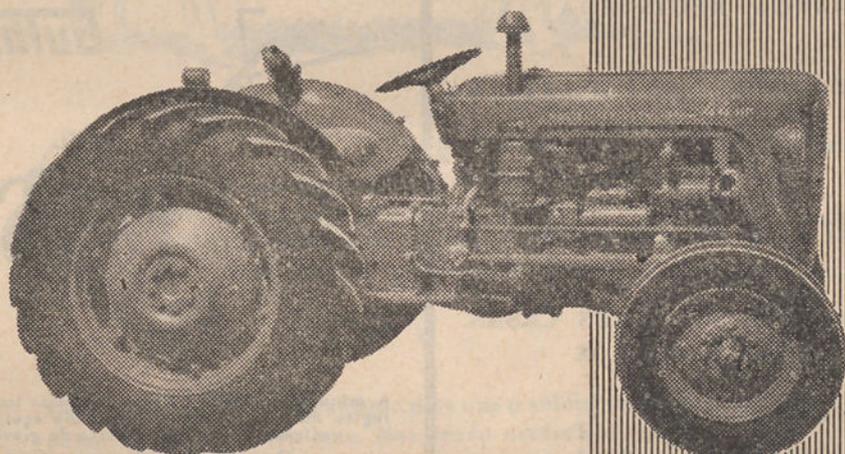
1149

MASSEY-FERGUSON

35X

O NOVO TRACTOR
COM AS FAMOSAS
CARACTERÍSTICAS DESTA MARCA
E MOTOR DIESEL DE

44hp



QUE COMPLETA A LINHA DE TRACTORES
AGRÍCOLAS MODELOS 65 (57,5 hp) E 825

TODOS EQUIPADOS COM O AUTÊNTICO



UM ANO DE
GARANTIA

TRACTORES DE PORTUGAL, LDA.

AV. DA LIBERDADE, 35-4.º ESQ. — LISBOA
AGENTES EM TODO O PAÍS

3687

BACELOS

3872

É da escolha dos bacelos com boa adaptação aos V. terrenos e de boa afinidade às castas que deseja enxertar que depende essencialmente a maior ou menor produção dos V. vinhedos. Nos meus viveiros encontra V. Ex.^a as variedades:

R. 99 - R. 110 - R. 31 - 420/A - 161/49 - 34/EM - 5 BB - 3309 - 3306 - 101/14
Solonis 1616 - Ripária Gloire de Montplier e Rupestris du Lot (Monticula),
rigorosamente seleccionadas, e prestam-se todos os esclarecimentos relacionados com a sua adaptação e plantação.

EXPEDEM-SE DEVIDAMENTE EMBALADOS PARA TODO O PAÍS

JOSÉ ANTÓNIO MARTINS — Sobral de Monte Agraço — Telef. 91

Tesouras de poda

BP

MARCA REGISTRADA

Qualidade garantida

Fabricadas com aço extra fino

Prefiram esta marca

— — — — —
A VENDA NAS MELHORES CASAS
DA ESPECIALIDADE

IMPORTADORES:

Bento Peixoto & Lopes

Rua Mousinho da Silveira, 83 — PORTO

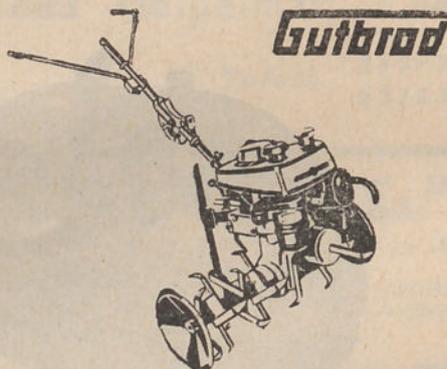
Além de outras aplicações

Como sachar, pulverizar, transportar, roçar mato, segar erva, ceifar cereais, etc.

O MOTOCULTIVADOR GUTBROD-TERRA

Torna-se indispensável para

CAVAR OU LAVRAR VINHAS E POMARES



A máquina aconselhável para as vinhas inclinadas da região do Douro, devido ao grande equilíbrio proveniente do seu baixo centro de gravidade

Peça prospecto e preços à

Agência Geral Gutbrod

R. José Falcão, 152-156 — Tels. 20947 e 20948
PORTO

Aos Agricultores

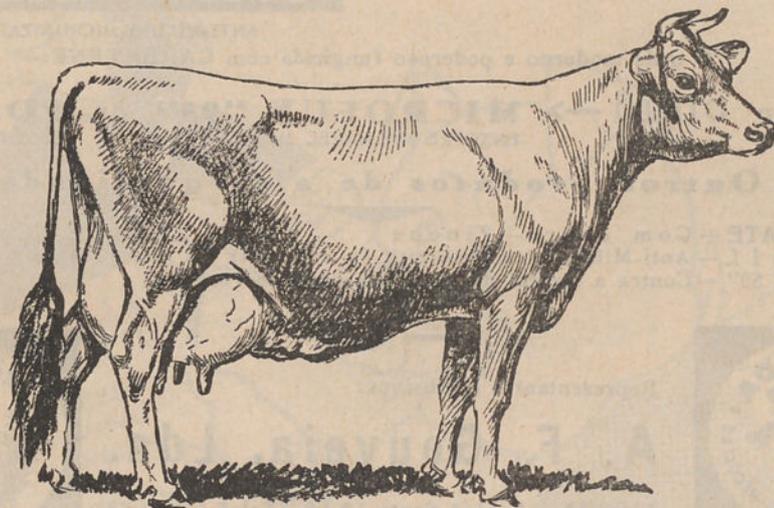
Informa-se estar à venda o 5.º volume (1963) da Enciclopédia de Agricultura, Pecuária e Máquinas

«Simposium Agro-Pecuário»

publicação inérita e de grande interesse para todos quantos estão ligados à lavoura.

A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS DO PAÍS
ou pedidos para Rua Ponta Delgada, 58-1.º Frente Dt.º — Telef. 44641 em LISBOA.

VACA que não é ordenhada
é VACA que não dá rendimento...



... de modo que para combater a mastite que tão generalizada e que tão prejudicial é, há que ir pelo seguro: POMADA e SUSPENSÃO DE «AUREOMICINA» para instilação nos úberes, porque é um preparado de comprovada eficácia



3211

Geralmente, basta um tratamento para que o animal se restabeleça e se possa aproveitar o seu leite. Mas sendo necessário repetir-se, só há que fazê-lo cada 48 horas, o que representa outra economia de tempo e de dinheiro

POMADA e SUSPENSÃO DE AUREOMICINA*

Cloridrato de Clorotetraciclina para instilação nos úberes



* Marca Registrada

Apresentação: { POMADA
Bisnaga de 7,1 g
SUSPENSÃO
Seringa de 6 cc.

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
80 Rockefeller Plaza, New York 20, N.Y., U.S.A.



Repres. Exclusivos para Portugal e Ilhas:
ABECASSIS (IRMÃOS) & C.ª
Rua Conde de Redondo, 64-3.º — LISBOA
Rua de Santo António, 15-3.º — PORTO

**Proteja as suas VINHAS
Usando produtos PROCIDA**

Contra o **MÍLDIO** →

CARBANE'S

ANTI-MÍLDIO MICRONIZADO

O mais moderno e poderoso fungicida com CARBATENE

3919

Contra o **OÍDIO** → **MICROLUX "95"** ou **FOG**
ENXOFRE MOLHÁVEL MICRONIZADO ENXOFRE VENTILADO

Outros produtos de alta qualidade

CUPROZINATE — Com cobre + Zinebe **ZINATE** — Com Zinebe
ORGANIL — Anti-Míldio c/ CARBATENE (a empregar na floração)
"TYPHON 50" — Contra a lagarta do cacho (à base de Paratião)



Representantes exclusivos:

A. F. Gouveia, Lda.

LISBOA — Av. Inf. Santo, 52-1.º — Telef. 675081/82

PORTO — R. Santos Pousada, 644 — Telef. 56042



Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

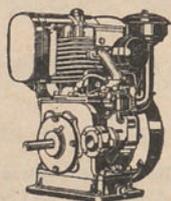
PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

3684

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 71 — NINE



"WISCONSIN"

MOTORES A GAZOLINA E PETRÓLEO
DE 2 A 30 CAVALOS — PEÇAS DE RESERVA

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

CASA CAPUCHO

LISBOA — RUA DE S. PAULO — 113-129
PORTO — R. MOUS. DA SILVEIRA — 139-143

3886

OS ALIMENTOS COMPOSTOS
e CONCENTRADOS

PROVIMI

MUNDIALMENTE ACREDITADOS



Contêm as **proteínas**, as **vitaminas**, os **minerais** e os **antibióticos**, cientificamente doseados, uniformemente misturados e biologicamente controlados.

FABRICANTES-CONCESSIONÁRIOS:

3501

*Fábrica de Rações da
Beira, Lda. — Caramulo*
*Fábrica Luso Holandesa de
Rações, Lda. — Carregado*
Bonifácio & Filhos — Ovar
Sofar, Lda. — Faro

*Prazeres & Irmão,
Sucrs., Lda. — Castro Verde*
*Nicolau de Sousa Lima
& Filhos Lda. — Ponta Delgada*
*Fábr. de Rações Provimi
da Madeira, Lda. — Funchal*
A. Relvas, Lda. — Malange

PROVIMI PORTUGUESA — Concentrados
para Alimentação de Animais, Lda.

Rua do Machado, 47 — Carnide — LISBOA 4

Telefs. 783439 — 782131 — 782132 — 780391

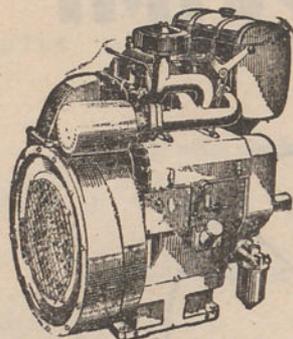
GAZETA DAS ALDEIAS



(501)

Motores Diesel

RUSTON



OS MELHORES PARA ACCIONAMENTO DE
LAGARES DE AZEITE, MORGENS, DEBULHADORAS, BOMBAS, ETC.

REDUZIDO CONSUMO — ROBUSTOS — ARREFECIDOS
POR AR OU ÁGUA

FACILIDADES DE PAGAMENTO

3887

HARKER, SUMNER & C.^A, L.^{DA}

PORTO-38, R. de Ceuta, 48 14, L. do Corpo Santo, 18-LISBOA

O Caminho
de Ferro é
o transporte
ideal, pois é
seguro, rá-
pido, prático
e econó-
mico.

1593

mecanização DA PEQUENA EM MÉDIA LAVOURA

UM PROBLEMA QUE REQUER
UMA SOLUÇÃO TÃO URGENTE
COMO EQUILIBRADA

Consulte-nos. Dispomos de
técnicos que estudarão o seu caso.



AV. RODRIGUES FREITAS, 68-PORTO

3889

À lavoura em geral e aos criadores de gado em especial

O sucesso que têm obtido os alimentos concentrados SOJAGADO é já hoje indiscutível
Todos os Grémios de Lavoura nos têm manifestado o apreciável valor da SOJAGADO

Produtos compostos completos:

- SOJAGADO N.º 3 — Para porcos de engorda
- SOJAGADO N.º 4 — > Galinhas poedeiras
- SOJAGADO N.º 5 — > Pintos até 6 semanas
- SOJAGADO N.º 6 — > Frangos para carne
- SOJAGADO N.º 7 — > Frangas

Produtos compostos complementares:

- SOJAGADO N.º 1 — Para vacas leiteiras
- SOJAGADO N.º 2 — > bovinos de engorda e trabalho
- SOJAGADO N.º 8 — > aves em postura
- SOJAGADO N.º 9 — > éguas criadeiras e poldros
- SOJAGADO N.º 10 — > porcos em crescimento (dos
25 aos 60 quilos)

SOJA PURA EXTRACTADA

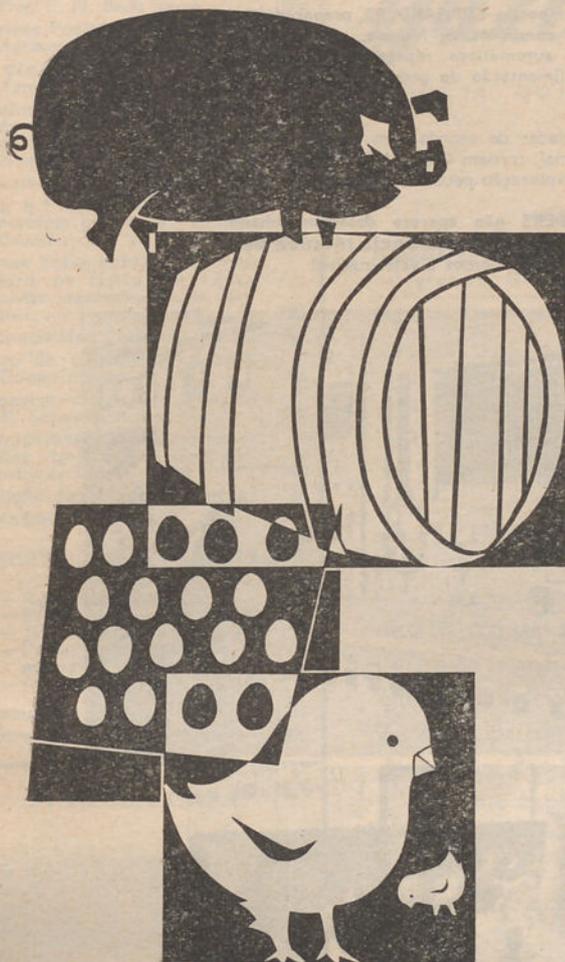
Não engane o seu gado com alimentos pobres porque se engana a si próprio

SOJA DE PORTUGAL, LDA. * FÁBRICAS EM OVAR — Telef. 63

Escritórios em Lisboa, na Rua dos Fanqueiros, 38, 1.º — Telef. 323830 e 327806

Os pedidos podem ser feitos directamente aos n/ escritórios ou ao Sr. António Câmara
Cordovil, Rua de Campolide, 55, 1.º, dt.º, Lisboa — Tel. 685262.

3584



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

**Nas criadeiras
de pintos**

3330



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

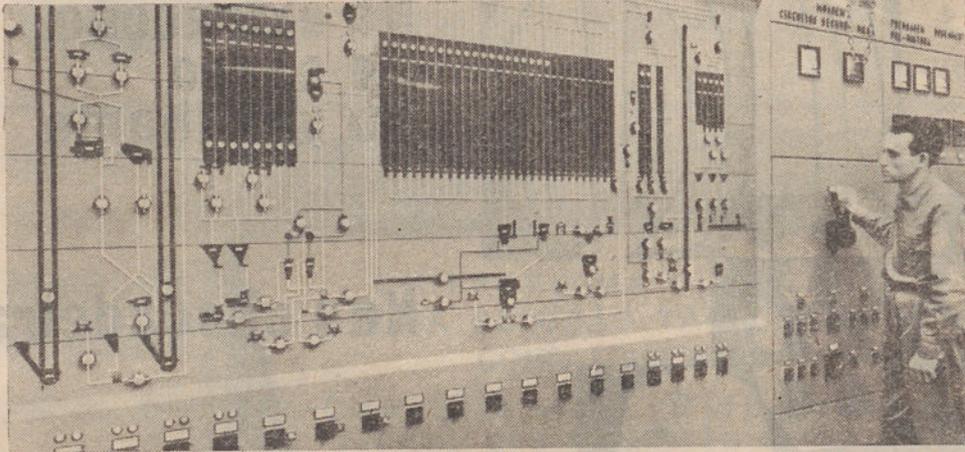


CUF CS-4

As rações compostas CUF-SANDERS, preparadas em excepcionais condições de higiene, por processos inteiramente automáticos, representam a racionalização da alimentação do gado e dos animais de capoeira.

Rações estudadas de acordo com as necessidades de cada animal, tornam CUF-SANDERS insubstituível na sua exploração pecuária.

E CUF-SANDERS não aparece desacompanhado: garante-lhe ainda uma **assistência técnica permanente** de agrônomos e veterinários!



RAÇÕES PARA ANIMAIS

CUF-SANDERS

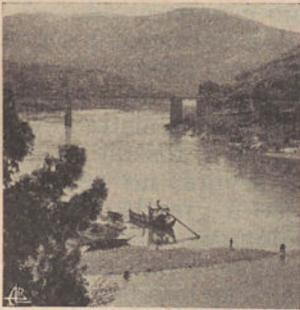
o alimento ideal da capoeira e do curral

3985

SUMÁRIO

Industrialização florestal . . .	881
O Inventário das «exóticas» — Prof. C. M. Baeta Neves . . .	882
Videiras Porta-enxertos — Eng. Agrónomo Alfredo Baptista . .	886
Os vinhos do Algarve — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	889
A valorização pelo castanheiro da «Terra fria» do Nordeste do País — Eng. Silvicultor Co- lumbano Taveira Fernandes . .	891
Trabalhos em Dezembro . . .	894
Caça e Pesca — Números que convém conhecer — Almeida Coquet	897
Breves notas sobre a Agricul- tura na Holanda — Engen- heiro Agrónomo Duílio Mar- ques	899
Ensinamentos úteis	903
Curso de Gestão de Adegas Cooperativas	904
Forçagem — Engenheiro Agrónomo M. Soares da Rocha	907
A cooperação na agricultura — Eng. Agrónomo Waldemar Car- neiro da Silva	909
Poluição das águas interiores.	915
Calendário apícola	915
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura	914
— Fruticultura	914
— Jardinagem	915
— Patologia Vegetal e Ento- mologia	916
— Direito Rural	916
Informações	918
Intermediário dos lavradores	920

A NOSSA CAPA



Pinhão — Rio Douro

ASSINATURAS

Ano	100\$00
Semestre	55\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro (excepto Espa- nha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julius Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO * Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

Industrialização florestal

O Pinheiro Bravo—a espécie mais representada na Floresta portuguesa — participa hoje com cerca de 44% para a cobertura florestal de Portugal, que em fins de 1962, se avaliara em cerca de 3 000 000 ha.

Não falando já nos inúmeros e incontáveis benefícios indirectos, que embora sempre difíceis de avaliar, não devem ser esquecidos, ou no valor comercial da resina, o Pinhal português constitui, sem dúvida, um dos factores de maior realce da nossa balança comercial.

A sua expansão, que tem sido rápida e que certamente se continuará a processar em ritmo acelerado, exige que pensemos na industrialização dos seus produtos, de modo a aumentar-se a rentabilidade duma matéria prima que temos a felicidade de possuir em tão larga escala.

O decréscimo que se vem verificando no consumo de lenhas, consequência da evolução industrial, de diferentes exigências da vida moderna e até do êxodo rural, obrigam a pensar numa nova linha de rumo, criando outras utilizações para esta espécie, já que não se pode admitir o fomento da sua exportação como matéria prima a transformar no estrangeiro.

E ao analisarmos os valores da exportação das madeiras de pinho relativos a 1962, mais evidente nos surge a necessidade de se ir criando uma indústria florestal, bem estruturada, acompanhando a produção, certos de que não é admissível que o nosso comércio de madeiras tenha por base um produto que aos países mais evoluídos não interessa produzir—madeira serrada com menos de 5 mm de espessura.

Ou não queremos nós ver que estamos desperdiçando cerca de 50% dum produto que muitos invejam, por a Natureza para com eles não ter sido tão pródiga?



O INVENTÁRIO DAS "EXÓTICAS"

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

NUMA altura em que a Engenharia Florestal está a ter cada vez maior interesse, no sentido do melhor aproveitamento económico de vastas áreas, incultas ou pouco produtivas, do País, mal se compreende que os Técnicos florestais não disponham ainda de todos os elementos indispensáveis para poderem desempenhar, da forma mais eficiente, o papel, da maior projecção nacional, que lhes compete.

Já anteriormente declarei, talvez com escândalo e dúvida de alguns dos meus leitores que, infelizmente, apesar dos extraordinários recursos materiais que foram dados ao Fomento Florestal durante estes últimos 25 anos, ainda não surgiu a necessária e desejada oportunidade para a realização de certos estudos fundamentais, cuja falta não só se tem feito sentir na execução do «Plano de Povoamento», como irá reflectir-se na expansão da Silvicultura que virá a dar-se nos próximos anos entre nós.

Tal facto é uma das consequências da pressão exercida sobre os Serviços Florestais, obrigando-os à execução imediata, e em grande escala, de uma obra de raro vulto, pressão que levou assim a pôr de parte, ou a relegar para segundo plano, tudo quanto não fosse relacionado com a execução prática, e em ritmo acelerado, da arborização dos baldios serranos a norte do Tejo.

Afastada assim a investigação como objecto de uma preocupação fundamental, com injusto esquecimento de quanto de notável se lhe deve, pelo menos secto-

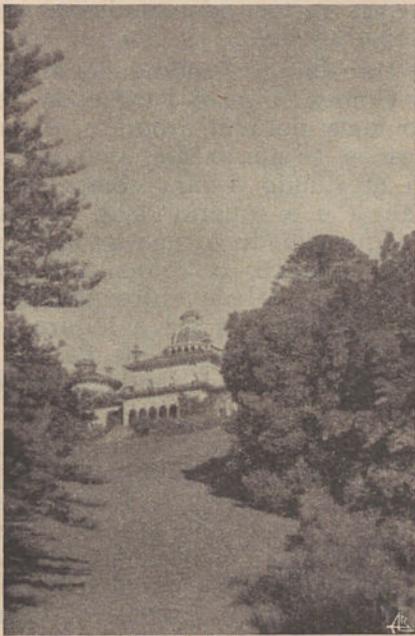
res da Resinagem e da Subericultura, e de quanto poderia contribuir para a maior eficiência dos trabalhos a realizar dentro daquele Plano, as consequências inevitáveis não se fizeram esperar, aumentando cada vez mais a amplitude, importância e interesse dos estudos que lhe compete realizar.

Entre os temas ligados à investigação florestal que julgo de maior oportunidade e cuja importância justificava que tivesse sido tratada mesmo antes do início da execução desses trabalhos, é o «Inventário das exóticas», às quais em muitas situações poderia, e poderá, haver necessidade de recorrer, como aliás, insistentemente, em tal Plano é preconizado.

Recorreram aqueles Serviços, para a arborização dos baldios, quase só ao Pinheiro bravo, e graças à rara e inextinguível dedicação dos Administradores Florestais, por um lado, e aos inegáveis atributos dessa árvore, no sentido da sua fácil adaptação à grande maioria das condições mesológicas a norte do Tejo, por outro, conseguiu-se realizar uma obra a todos os títulos notável, embora muito longe, em meu entender, da perfeição relativa que podia ter atingido, se melhor tivesse sido a sua preparação teórica e menor a pressão da sua execução.

Discordando, desde a primeira hora, da orientação seguida, e tendo manifestado sempre essa minha discordância, longe de me comprazer com a oportunidade de crítica que as circunstâncias oferecem, antes me entristece verificar

que apesar de existência de tão grandes recursos materiais, continua a verificar-se a falta de estes estudos fundamentais,



Um aspecto da Quinta de Monserrate (Sintrã), onde existe uma das nossas melhores colecções de «exóticas»

de cuja existência depende em grande parte e maior eficiência da actividade técnica dos Engenheiros Silvicultores, tanto na planificação teórica como na execução prática.

• • •

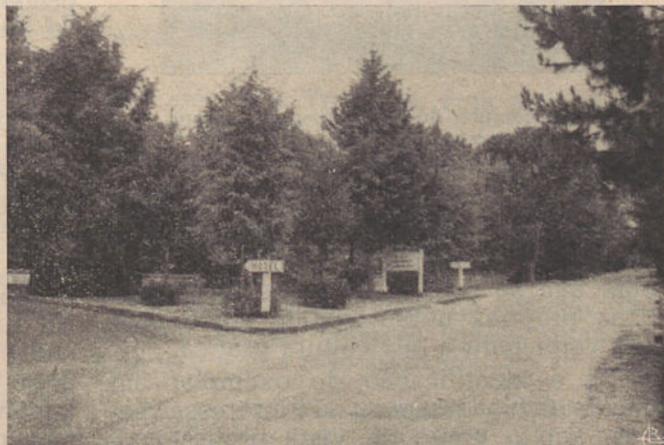
Dizer que nada tenha sido feito até agora a caminho do citado «Inventário de exóticas», não o possa dizer, porque seria mentir, mas afirmar que tal tarefa ainda não foi encarada superiormente com todo o interesse que na realidade possui, corresponde à realidade, embora esta seja, volto a dizê-lo, muito lamentável quanto às suas consequências práticas.

Para além dos trabalhos feitos por estrangeiros, botânicos que nos visitaram durante a última metade do século passado e no

primeiro quartel da actual, onde as exóticas vêm citadas e até por vezes apreciadas no sentido do desenvolvimento alcançado no local, há a citar os autores nacionais, cuja obra realizada nesse campo é mais notável. E entre estes destaca-se o nome do Engenheiro Agrônomo, botânico-dendrologista, João do Amaral Franco, que tem dedicado grande parte da sua vida profissional a tal tarefa, adquirindo nela uma invulgar competência, embora só no campo restrito da sistemática respectiva.

O nome de Cavique Santos, que o precedeu na ordem cronológica dos nossos dendrologistas, Engenheiro Silvicultor também de rara competência em Sistemática botânica, não pode nem deve ser esquecido, nomeadamente por quem, como eu, trabalhou lado a lado, embora em matéria diferente, tanto durante o tirocinio, como mais tarde no Laboratório de Biologia Florestal. A sua natural modéstia e a pouca divulgação feita dos seus trabalhos, justificam o esquecimento a que tão rapidamente foi votada a sua memória.

Suplantando em muito, pelo nível da obra realizada, os autores citados, ergue-se o vulto do Prof. Mário de Azevedo Gomes, cuja actividade como dendrologista, com uma orientação menos sistemática e mais ecológica e técnica a distingui-la, excede em muito, na amplitude



No triângulo entre as estradas para Nelas e para Canas de Senhorim, em frente à entrada para o Hotel Urgeirica, encontram-se reunidos exemplares de *Pseudotsuga taxifolia*, *Cedrus deodara*(?), *Cupressus lusitanica* e *Pinus canariensis*

da visão própria, quanto esses outros fizeram.

Enquanto os primeiros se dedicaram ao inventário botânico, e quando muito acrescentaram a propósito de cada espécie citada umas tantas apreciações sobre o porte e aspecto vegetativo dos exemplares que as representavam no local considerado, este último autor, transcendendo os apertados limites da Sistemática colocou-se na verdadeira posição do Técnico Florestal, para o qual esse último



Um exemplar de *Sequoia sempervirens*
no jardim de um solar beirão
(Tibaldo — Nelas)

aspecto dos estudos dendrológicos tem muito maior interesse, pelo que a sua obra não só se destaca pelas características próprias nesse sentido como pelo seu valor para a Silvicultura prática.

Se a identificação do exemplar em estudo é fundamental, não interessa menos, sob o ponto de vista profissional, antes pelo contrário, tudo quanto o seu propósito possa ser deduzido para uma apreciação, tão justa quanto possível, das condições em que se desenvolveu e do seu

valor como ensaio ou experiência para base da sua utilização, quer como planta ornamental quer como espécie a empregar na arborização, a generalizar a áreas mais ou menos vastas, com condições ecológicas semelhantes.

O trabalho realizado pelo Prof. Azevedo Gomes sobre o Parque da Pena, o nosso mais notável arboreto, e um dos mais ricos, se não o mais rico da Europa, ficará atestando a rara competência do seu autor e a superioridade do espírito crítico que, aliado a uma invulgar sensibilidade estética, o coloca em posição raras vezes igualada entre nós; basta o prazer com que se faz a leitura da sua «Monografia» sobre aquele Parque para ficar demonstrado, perante qualquer, quanto afirmo.

O inventário das espécies de *Eucalyptus*, recentemente divulgado em publicação distribuída pelos Serviços Florestais, parece estar concluído, graças em grande parte à preciosa colaboração prestada ao seu autor pelos Professores João de Vasconcelos e Amaral Franco, colaboração que estes últimos têm sempre oferecido a quantos se abeiram do seu saber solicitando-a.

O Prof. Vasconcelos, embora não conte na bibliografia, invulgarmente extensa, da sua autoria, muitas obras de Dendrologia, merece aqui uma referência especial pelo incondicional apoio dado a todos que o procuram pedindo-lhe ou a identificação de um qualquer exemplar ou a crítica a uma identificação proposta.

Outros, como o autor, limitaram-se a divulgar os resultados desses trabalhos, procurando tirar deles o partido que tanto importa aproveitar, quer no sentido meramente cultural quer profissional.

A lista de nomes a citar, entre quantos entre nós se têm dedicado à Dendrologia, e dentro desta em especial, ao «Inventário das exóticas», não vai muito mais além, no entanto também não ficaria por aqui se quisesse englobar nela todos aqueles que têm dado qualquer contribuição para o seu progresso entre nós, embora considerando apenas o caso metropolitano, mas a sua posição demasiado modesta, ou particular, não justifica a sua citação ao nível em que me coloquei.

* * *

Nos limites em que é prestada a minha colaboração quinzenal nesta revista, não me é possível, desta vez, passar além desta introdução a outros artigos que venham a seguir-se sobre o mesmo tema.

A ideia fundamental, embora nos moldes que são próprios de uma divulgação para um público de leitores tão heterogéneo como o da *Gazeta das Aldeias*, é chamar a atenção para a variada de *exóticas* que existem em Portugal e para as condições em que elas têm sido ou podem vir a ser empregadas, quer como plantas florestais destinadas à arborização, quer como plantas ornamentais.

Será uma contribuição modesta, um simples agitar de ideias, e mais um apelo a todos quantos possam prestar a sua colaboração para uma obra cujo interesse cultural e técnico é desnecessário, como é uso dizer-se, encarecer.

Importa assim apontar onde se localizam os arboretos, do Estado ou de particulares, parques e jardins públicos, quintas, arruamentos de povoações e estradas, onde as *exóticas* aparecem, focando alguns exemplos, para despertar no leitor o entusiasmo pela tarefa desse inventário, que a não ser feito sistemática e metódicamente pelos Serviços Florestais, ou centros de estudo de Botânica, pode vir a ser assim realizado por todos aqueles que queiram dar a sua ajuda. Aliás, já em tempos, nesta mesma revista, apresentei sugestão idêntica, embora sem ter colhido qualquer êxito. Volto assim à carga, convencido como estou não só do interesse científico, cultural e técnico de tarefa, mas também do benefício do prazer e distracção que pode oferecer a todos que se lhe queiram dedicar.

Por minha parte cada vez estou mais convencido que neste, como em muitos outros trabalhos de interesse colectivo,

nada se pode fazer de verdadeiramente útil sem ser com espírito de colaboração, nomeadamente quando se trata de assuntos ligados à Silvicultura e à Agricultura, muitos como são os interessados



Abetos (*Abies* spp.) no Parque da Pena (Sintra)

para além dos Técnicos, cuja actividade prática lhe está ligada.

Mais uma vez apelo assim para todos os proprietários de *exóticas*, para divulgarem de qualquer maneira as observações que possam realizar a partir dos exemplares que possuam ou conheçam; e que me enviem o material para identificação (folhas, flores e frutos), quando esta não tenha sido realizada.

(Fotografias do Autor)

VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DAS VIDEIRAS PORTA-ENXERTOS

Por ALFREDO BAPTISTA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2507, pág. 856)

150-15

[*Berlandieri* Malègue n.º 6 × (*Aramon*
× *Rupestris* Ganzin n.º 1)] 150-15

DE MALÈGUE

1 — Pâmpanos

Abrolhamento: rosado-acarminado, sobretudo na margem das folhinhas, cotanilhoso ou densamente cotanilhoso.

Estímulas: com cerca de 3 mm de comprimento.

Entrenós: vermelho-arroxeados, do lado da luz; tearâneo-cotanilhosos nos entrenós superiores e tearâneos nos inferiores; costado-estriados, sobretudo nos entrenós superiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: intensamente vermelho-acarminadas ou vinosas e levemente esbranquiçadas em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se quase gradualmente verdes, com as nervuras esverdeadas nas mesmas páginas e o ponto

peciolar vinoso na página superior, nas folhas mais velhas.

Recorte principal: geralmente sub-trilobadas ou inteiras, por vezes profundamente trilobadas ou, mais raramente, quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos crenulado-denticulados.

Aurículas: afastadas, formando seio peciolar em V mais ou menos aberto.

Limbo: geralmente sub-liso ou um tanto empolado junto ao ponto peciolar, cotanilhoso em ambas as páginas, nas folhas mais novas, tornando-se rápida e ligeiramente tearâneo na página superior e ligeiramente pubescente na inferior, nas folhas mais velhas.

Peciolo: arroxeadado, cotanilhoso nas folhas mais novas e simultaneamente tearâneo e pubescente nas seguintes.

2 — Folhas adultas

Dimensões e forma: pequenas ou medianas, tão largas como compridas, orbiculares.

Recorte principal: sub-trilobadas ou trilobadas, por vezes, sub-quinquelobadas ou sub-inteiras e mais raramente quinquelobadas; folhas da base do pâmpano

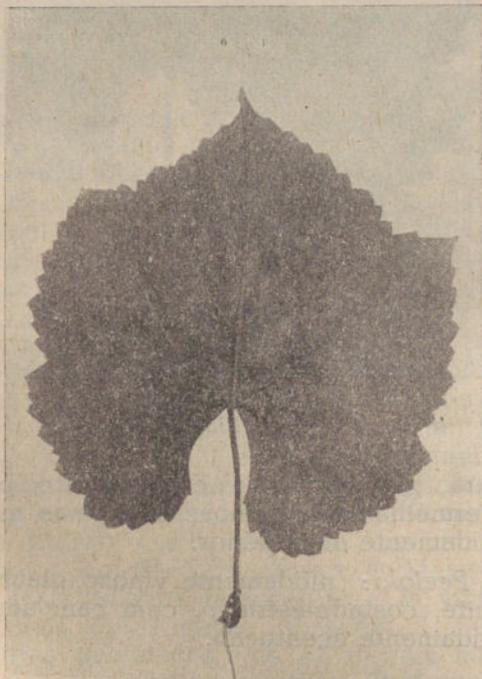
frequente e profundamente trilobadas, por vezes quinquelobadas.

Recorte marginal: lobos geralmente crenados, por vezes crenado-dentados, com os crenos e dentes mais largos do que compridos.

Mucrão: levemente avermelhado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: pouco afastadas ou aproximadas, formando seio peciolar em V mais ou menos fechado.

Limbo: espesso, sub-liso, de bordos ligeiramente involutos, com a página su-



150-15

perior verde-claro-amarelada, algo brilhante, tearânea e a inferior mais clara, glabrescente ou ligeiramente pubescente, salvo nas nervuras principais e secundárias que restam, simultânea e ligeiramente, pubescentes e tearâneas; nervuras principais avermelhadas apenas no ponto peciolar, na página superior.

Peciolo: verde-claro-amarelado, por vezes levemente avermelhado, simultâ-

neamente tearâneo e pubescente, com o aspecto tearâneo mais visível; caneladura geralmente indistinta.

3—Sarmentos

Castanho-pardacentos; entrenós de comprimento mediano, de secção acentuadamente elíptica, com uma ou duas faces planas ou, por vezes, quase côncavas, imprimindo, por vezes, um aspecto nitidamente achatado; costado-estriados e grossamente costados; lenticulas pequenas, medianamente dispersas; gomos medianos.

4—Flores

Fisiologicamente masculinas. Observam-se, no entanto, muito escassas frutificações.

5—Porte da planta

Sub-erecto.

196-17

[(Mourvèdre × Rupestris Martin 1203, de Couderc) × Riparia Gloire de Montpellier] 196-17

DE CASTEL

1—Pâmpanos

Abrolhamento: verde-claro, glabrescente, com a nervura principal mediana das folhinhas tearâneo-cotanhosa.

Estipulas: com cerca de 6mm de comprimento.

Entrenós: avermelhados, do lado da luz; ligeiramente tearâneos nos entrenós superiores e glabros nos inferiores; costado-estriados nos entrenós superiores e desprovido de costas e estrias nos inferiores.

FOLHAS NOVAS

Coloração: verde-claras, com as nervuras esverdeadas em ambas as páginas, em todas as folhas expandidas.

Recorte principal: geralmente trilobadas, com os seios pouco pronunciados.

Recorte marginal: lobos dentados; o lobo superior geralmente com o ápice acuminado e os laterais com os ápices sub-acuminados.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U e um ângulo agudo no ponto peciolar.

Limbo: um pouco empolado, com a página superior tearânea e a inferior ligeiramente tearânea ou glabrescente, nas folhas mais novas, tornando-se gradualmente glabrescente na página superior e escassamente puberulento na inferior, nas folhas seguintes.

Peciolo: avermelhado, tearâneo-cotilhososo nas folhas mais novas e ligeiramente tearâneo nas seguintes.

2— Folhas adultas

Dimensões e forma: medianas, tão largas como compridas, orbiculares.

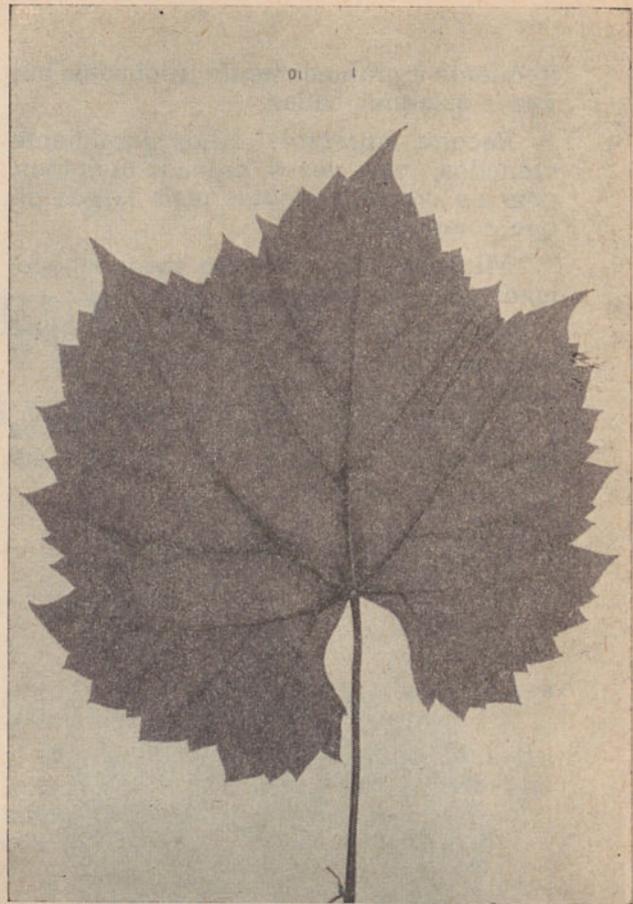
Recorte principal: sub-trilobadas ou sub-quinquelobadas, por vezes trilobadas; folhas da base do pânpano frequentemente trilobadas, com os seios medianamente pronunciados.

Recorte marginal: lobos dentados, com os dentes quase tão largos como compridos; lobos superior e laterais com os ápices geralmente sub-acuminados.

Mucrão: amarelado ou acobreado, medianamente desenvolvido.

Aurículas: afastadas, de bordos internos sub-paralelos, formando seio peciolar em U, ou pouco afastadas ou aproximadas, fazendo um ângulo agudo no ponto peciolar.

Limbo: espesso, empolado e ondulado, com a página superior verde, desprovida de brilho, glabra e a inferior mais



196-17

clara, glabrescente; nervuras principais avermelhadas em ambas as páginas, mais nitidamente na superior.

Peciolo: nitidamente vinoso, glabrescente, costado-estriado, com caneladura nitidamente acentuada.

3— Sarmentos

Castanho-pardacentos; entrenós compridos, de secção elíptico-arredondada; costado-estriados e frequentemente com costas muito grossas; lenticulas medianas, dispersas; gomos grossos.

4— Flores

Fisiologicamente masculinas.

5— Porte da planta

Sub-erecto.

OS VINHOS DO ALGARVE

Algumas notas

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Engenheiro Agrônomo

Os vinhos do Algarve, figuraram no século passado ao lado dos do Alentejo, na exposição de «Albert Hall», em Londres. Representavam vinte e um expositores, tendo sido enviadas vinte e sete amostras: vinte e uma de vinho tinto e apenas seis, de vinho branco.

Segundo consta, os vinhos agradaram imenso, «porque possuíam delicadeza e suavidade, que raras vezes se encontram nos vinhos novos de Portugal. Não primam pela superabundância de sais e tanino» (A. A. Aguiar). Este homem, profundo conhecedor dos nossos produtos afirmava, que os vinhos desta formosíssima região do litoral, «nada têm que invejar aos vinhos da Madeira, Xerez e Malaga». E mais adiante acrescenta: «Os vinhos actuais do Algarve possuem flavor e outras qualidades que os tornam superiores aos de outras comarcas. Pelo menos, estão isentos do travo dos engaços, que ferem na pisa os lagareiros e arranham na prova a boca e o estômago do consumidor».

As vinhas cultivadas nesta província, gozando de protecção natural do norte, pela extensa serrania, produzem belos vinhos, especialmente, devido às condições ecológicas.

Quem percorre a extensa e monótona área do Baixo Alentejo, e se alcandora nos píncaros das serras, visiona a seus pés um gigantesco anfiteatro: o Algarve. Galgando os degraus destes massiços,

que marcam a divisão destas duas províncias, entra rapidamente na zona algarvia, que limita o sul do País.

Deixamos um clima quente, seco, calmoso, de influência ibero-mediterrâneo, o solar de *Quercus ilex*, para penetrarmos numa região de características climáticas de predominância mediterrânica. Aqui se encontra o clima mais quente do País; é a região onde chove menos.

A parte montanhosa do Algarve é constituída pelo carbonífero inferior, que é a continuação do Alentejo, com os seus xistos argilosos e grauvaques, interrompido pelo importante afloramento de rocha eruptiva que aparece na Foia, na Serra de Monchique.

Desde o Cabo de S. Vicente até Castro Marim, junto do Guadiana, observam-se grés vermelhos, margas e calcário; junto da costa encontram-se depositados, os sedimentos modernos, principalmente, da Ribeira da Quarteira para Este; para o interior, no fundo dos vales, também existem.

O clima do Algarve, é o menos chuvoso do País, como já tivemos ocasião de referir, com a máxima escassez na estiagem, em que as chuvas se reduzem a menos de 20 milímetros.

Os ventos mais frequentes sopram do mar, dando origem a uma frescura, que bastante beneficia as culturas.

A rede hidrográfica é muito reduzida, não exercendo qualquer influência no aspecto climático da região.

A parte ocupada pelas vinhas é o litoral, e localizam-se nas hipsométricas de 0-50 metros aproximadamente.

O Algarve é uma fonte de primícias, dadas as condições climatéricas excepcionais. Além do vinho existe uma grande variedade de culturas: figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras, citrinos e cultura hortícola.

Em Lagoa e Silves, encontram-se as maiores extensões de vinha, abrangendo 40 o/o da produção total da zona. Desenvolve-se quase toda em terreno do plioceno.

Nesta região, predominam os vinhos tintos, em percentagem aproximadamente, de 90 o/o. As castas mais frequentes são:

Tintas

Negra mole
Trincadeira ou Periquita
Crato preto

Branças

Manteúdo
Crato branco
Diagalves
Sabro
Boal

Nas futuras plantações, as castas obrigatórias, segundo o «Diário do Governo», I Série, N.º 170, 1953, são as seguintes:

Tintas

Bastardos	}	30 o/o
Crato preto		
Monvedro		
Trincadeira ou Periquita		

Branças

Arinto	}	25 o/o
Boais		
Crato branco		
Perrum		
Sabro		
Tamarez		

O número a enxertar em cada povoamento são duas brancas, ou duas tintas.

As vinhas costumam-se fertilizar com farinhas de peixe e estrumes. A adubação química raramente se pratica. Logo que a vinha entra na decrepitude, é hábito plantar amendoeiras, ou figueiras.

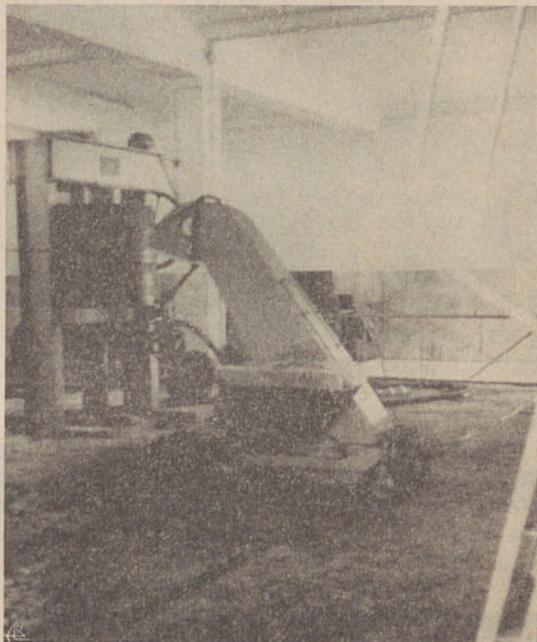
Dadas as características climáticas do Algarve para a obtenção de primícias,

existe a cultura de uvas de mesa, onde atinge um certo incremento.

Os vinhos caracterizam-se por uma graduação alcoólica elevada, cuja média anda à volta de 15º.

No fabrico, as uvas são desengaçadas. A curtimenta é incompleta, havendo apenas 24 horas de maceração das massas.

Os vinhos são muito abertos de cor e aromáticos. As temperaturas de fer-



A prensagem das massas

mentação são geralmente elevadas, atingindo frequentemente 40º C e mais; é este um dos problemas da vinificação no Algarve.

Além dos vinhos tinto e branco, de mesa, fabrica-se um vinho branco, seco aperitivo, tipo Xerez, designado por «Afonso III». Este vinho fabrica-se exclusivamente, com a casta Crato, muito aromática, precoce e rica em açúcar. O processo de vinificação é de bica aberta, sendo excluídos os mostos da segunda prensagem. O vinho é aguardentado para 18º centesimais. Envelhece em cascos de carvalho, com uma capacidade de quinhentos litros, ficando um terço em vazio.

(Conclui na pág. 906)

A VALORIZAÇÃO PELO CASTANHEIRO

da "Terra fria,, do Nordeste do País

Por
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2506, pág. 832)

COMO frisámos anteriormente não é tão lento o crescimento do castanheiro que possamos desde já eliminá-lo da futura valorização da terra portuguesa do ponto de vista agro-pecuário-florestal. Cremos mesmo ser uma espécie que se deve expandir nas regiões onde a sua expansão é possível pois o seu valor económico-social não tem similar em toda a «Terra Fria» do Norte de Portugal.

A manutenção dos soutos e castiçais existentes é um dever que se impõe à lavoura por razões já sobejamente conhecidas, mas o aumento da superfície da sua cultura tem de ser encarado como uma necessidade premente em benefício das gentes portuguesas.

Milhares de hectares de terras permanecem hoje quase improdutivas por nelas se cultivar um magro centeio quando podiam num período não muito distante aumentar várias vezes o seu rendimento actual e o valor do capital terra pois este vai diminuindo rapidamente com a cultura cerealífera.

É certo que o fácies de uma região não se modifica de um momento para o outro sobretudo quando não é possível dispor ainda de castanheiros suficientes para um incremento da sua cultura como seria para desejar. Esta modificação ainda se torna mais difícil quando pensamos que ela só devia ser feita com plantas resistentes à «doença da tinta» pois só

por seu intermédio se pode garantir êxito futuro na cultura do castanheiro.

Contudo, a questão não é tão difícil como parece à primeira vista porquanto o Centro de Estudos do Castanheiro já dispõe de mais de 5000 castanheiros que se mostraram resistentes à infecção artificial com os parasitas que provocam o mal dos quais alguns milhares se mantêm em terrenos infectados há alguns anos com bom desenvolvimento vegetativo e sem qualquer sintoma aparente de doença.

E podemos afirmar que no campo do melhoramento do ponto de vista resistência estamos a progredir pois todos os anos surgem novos indivíduos a aumentar o stock que todos devemos ambicionar.

Todo este material vai aumentando e com ele os campos experimentais que em breve constituirão verdadeiros viveiros de produção de plantas genéticamente bem constituídas para que a lavoura possa plantar sem receio de as mesmas virem a sucumbir pela «doença da tinta».

Para que o êxito seja assegurado e porque as características agro-climáticas diferem e podem influir favorável ou desfavoravelmente a rede de campos experimentais vai-se estendendo por todas as regiões do País onde a cultura do castanheiro possa multiplicar-se e constituir uma riqueza do ponto de vista económico-social.

Mas se o carácter resistente é a base fundamental para uma reconstituição se-

gura e duradoira não o são menos todos os caracteres que podem influir na produção tanto no que se refere ao fruto como à madeira. É este o objectivo final que o melhorador tem de atingir embora o caminho seja longo e difícil.

A dificuldade reside no facto de que a transmissão de caracteres específicos não é garantida pela semente dado o



Fig. 1 — Castanheiro híbrido (*C. crenata* × *C. sativa*) resistente à "doença da tinta" e bastante precoce, no qual se pode observar em a) a 2.^a frutificação, com ouços bem desenvolvidos, e a 3.^a série de amentilhos

castanheiro ser, como já referimos, uma espécie heterozigótica. Além disso e muito embora alguns castanheiros indígenas tenham resistido às infecções artificiais e portanto pareçam constituir material fácil de trabalhar o número de plantas de que podemos dispor será sempre diminuído pois sendo o castanheiro muito susceptível à infecção só mutações podem dar-nos uma esperança de melhores dias.

A reconstituição dos soutos e portanto a expansão da cultura do castanheiro com plantas resistentes ao mal da «tinta»

tem de ser feita com base em híbridos ou espécies exóticas cujas possibilidades de adaptação têm de ser estudadas e comprovadas e dos quais ainda pouco sabemos quanto às probabilidades de deles podermos conseguir indivíduos cujos produtos e sub-produtos tenham a mesma aceitação nos mercados que aqueles obtido castanheiro nacional.

Contudo, começa-se a esboçar uma tendência para um bom êxito no nosso trabalho de melhoramento embora tenhamos de eliminar o castanheiro japonês na constituição de futuros povoamentos sobretudo pelo fruto diferir bastante do nosso em qualidades comerciais e não haver grande afinidade com o indígena quanto ao sector que mais interessa ou seja no que se refere à enxertia.

É certo que em relação aos híbridos e ao castanheiro chinês (*Castanea mollissima* Blume), aspecto semelhante se verifica mas cremos menos acentuado e quanto aos primeiros a afinidade será tanto maior quanto mais se assemelharem ao nacional.

O material proveniente de hibridações (cruzamentos por fecundação livre ou controlada) é difícil de dominar quanto a determinados factores mas não há dúvida que muito dele há a esperar e podemos dizer que os primeiros resultados são muito esperançosos sobretudo quanto a produção de fruto e sua precocidade (Fig. 1).

Na verdade, possui actualmente o Centro de Estudos do Castanheiro, híbridos que se têm mostrado resistentes à doença por um período superior a 8 anos, após a sua plantação em terras infectadas, que produzem uma castanha com possibilidades de boa colocação nos mercados e a qual amadurece cerca de um mês antes da maturação da castanha proveniente dos nossos castanheiros mais precoces. Além disso o seu desenvolvimento vegetativo é excepcional pois alguns deles plantados há 8 anos parecem árvores com quase o dobro da idade se as compararmos com a espécie indígena. (Fig. 2).

Mas outras características nos levam a concluir que o seu aproveitamento será muito útil na futura reconstituição dos soutos portugueses embora é claro o seu

melhoramento prossiga com vista ao aperfeiçoamento das qualidades encontradas.

Assim, a castanha que os mesmos produzem é do tipo *selecta* (80 a 90 frutos por quilograma) a qual se procurará melhorar em tamanho, doçura, sabor e outras qualidades comerciais cruzando-os com outras onde estas características estejam evidenciadas.

É claro que dado as suas qualidades de resistência ao mal da "tinta" e adaptação às características agro-climáticas de certas regiões favoráveis à expansão da cultura do castanheiro poderíamos obter deles individuos bons produtores de frutos recorrendo à enxertia com garfos das nossas melhores variedades, assegurando assim um êxito mais rápido no melhoramento, embora perdessemos por certo a precocidade na frutificação um dos factores que não devemos nem podemos desprezar uma vez que há enorme vantagem em produzir plantas de crescimento rápido. Os resultados a obter com esta modalidade podem conduzir-nos a alguns dissabores quanto a afinidade entre o porta-enxerto híbrido e o garfo de árvores nacionais.

Presentemente pode-se já antever uma antecipação de alguns anos na frutificação do castanheiro pois há híbridos que ao segundo ano de plantação produzem alguma castanha. Acontece até que alguns deles dão duas vezes fruto no ano muito embora o seu aproveitamento económico esteja condicionado a condições favoráveis de clima. A castanha da segunda camada chega a desenvolver-se mas o seu tamanho é reduzido e só em certos casos podem ter utilização como alimento dos gados. Castanheiros há que dão flores femininas e masculinas três vezes no ano embora a terceira floração não consiga vingar.

Tudo leva a crer que estamos a caminhar para um êxito completo no melhoramento do castanheiro nos sectores resistência à doença, produção, desenvolvimento vegetativo e adaptação ao meio pelo que o lavrador em breve poderá obter plantas que lhe permitam um rendimento apreciável num período bastante curto dado a sua cultura ser pouco dispendiosa e não exigir cuidados especiais.

A cultura do castanheiro em breves

anos poderá proporcionar à lavoura nacional proventos sem conta além de uma valorização de terras cujo aproveitamento se antevê difícil com outras culturas de carácter agrícola e florestal. Contudo, há que ser orientada noutros moldes para se conseguirem melhores produtos e subprodutos para fins comerciais e industriais. Não resta dúvida de que o casta-



Fig. 2 — Castanheiro híbrido (*C. crenata* × *C. sativa*) resistente à "doença da tinta" e plantado há 8 anos no viveiro de Sanjurge (Chaves). Produz boa e bastante castanha e além de precoce tem um desenvolvimento vegetativo excepcional

neiro pode vir a constituir uma riqueza nacional nas «Terras Altas» do Nordeste do País e até noutras regiões tanto no que diz respeito à produção de fruto como de madeira.

No entanto, para o conseguirmos há que conjugar vários esforços dos quais destacamos aqueles relativos à hibridação e multiplicação vegetativa. Trabalhar com acerto e segurança, embora lentamente, é o nosso lema.

(Continua)

Trabalhos

em

Dezembro

NOS CAMPOS

Semear ainda trigos nalguns sitios, especialmente das variedades precoces dos tipos italianos, mas com o cuidado de evitar as invasões da passarada.

Plantar batatas em sitios quentes, sobretudo para o fim do mês, de preferência em regos que recebam estrume quente e em terreno bem adubado com superfosfato e adubo potássico ou cinzas.

Aplicar a favas e ervilhas, que estejam atrasadas, nitrato ou sulfato de amónio e, onde se receie a acção das geadas, pulverizá-las com leite de cal.

Limar os azevéns e os prados permanentes, sobretudo em período de frios ou geadas fortes e aplicar-lhes em cobertura, de mistura com a lima, água choca, se a houver, ou estrume bem desfeito.—Fazer os cortes amiudados para melhor entouçamento.

Lavar fundo, alqueivar ou decruar as terras destinadas aos viveiros, sementeiras, e plantações de arroz, e evitar por todas as formas o estagnamento das águas tão inconveniente à boa preparação dos alimentos.

Corrigir, nos casos em que seja necessário, as terras ácidas com cal e as

salgadiças com gesso, não esquecendo que a cal é também um alimento indispensável às plantas, que algumas absorvem em grandes quantidades.

Sachar, por tempo enxuto e quente, os favais e ervilhas semeados mais cedo.

Enterrar estrumes para as culturas da Primavera, especialmente batata do cedo.

NAS HORTAS

Resguardar das geadas as pencas, os repolhos e as cabeças das couves-flor, com as próprias folhas, ou cobrindo-as com palhas, fetos, etc..

Recolher sob alpendre ou loja, nas zonas frias, as beterrabas, cenouras e nabos destinados à produção de sementes e que possam sofrer com as geadas.

Plantar couves, especialmente por tempo chuvoso (galega, penca e couvão da Póvoa, portuguesa e repolhos precoces);—dentes de alho, preferindo os externos que dão cabeças mais volumosas;—e batata ou semilha, para, na Madeira, colher em Março.—Dispor ainda morangueiros nas zonas quentes.

Preparar camas quentes para alfobres ou viveiros de plantas destinadas a plantações temporãs;—e fazer já algumas

sementeiras (cebola, tomateiros, couves precoces).

Semear em cama quente, especialmente nas zonas do Norte, rabanetes e espinafres. — E ao ar livre, em situações assoalhadas, semear ervilhas e favas das variedades mais precoces.

Na Madeira semear feijões para colher vaginha em Março; — abóboras para colher botelhó em Fevereiro; — e tomateiros, cenouras, nabos, rabanetes, alfaces, cebolinho, couves, etc..

NOS JARDINS

Preparar canteiros com cavas e fortes estrumações. — E preparar terriços com folhado, detritos das plantas e as limpezas dos arruamentos, que são muito necessários posteriormente.

Podar roseiras e outros arbustos e árvores que não estejam em flor.

Plantar bolbos de açucenas, amarilis, anémonas, angélicas, borboletas, crocos, flores de quaresma, frésias, gladiolos, iris, ixias, jacintos, junquinhos, lírios, narcisos, palmas de Santa-Rita, rainúnculos e tulipas; pónias, lilases, camélias e roseiras e outros arbustos e árvores que suportam o ar livre.

Proteger, atando as folhas, contra os frios, as fiteiras eucas nos sitios mais agrestes.

Semear boas-noites, ciclames, ervilhas de cheiro, goivos, malvaiscos, paciências e saudades.

Proceder a desinfecções de Inverno nos arbustos que sejam atacados de pragas ou de doenças.

NOS OLIVAIS

Continuar a apanha da azeitona, poupando o mais possível as oliveiras para que não se prejudique a produção futura.

Lavar, em seguida à escolha, os olivais desocupados, nas situações assoalhadas e onde não se receiem as geadas, de preferência a rego cheio nas encostas ou ladeiras.

Aproveitar a ocasião para fazer calagens onde se imponham.

Abriu covas para plantação de estacas ou barbados, depois de passarem os frios fortes.

NOS POMARES

Terminar a poda das fruteiras de caroço (ameixeiras, amendoiras, damasqueiros, pessegueiros) e começar a das de pevide (macieiras, marmeleiros e pereiras) tendo o cuidado de deixar as hastes necessárias às enxertias.

Proteger os citrinos novos contra as geadas por meio de cabanas de palha, esteiras, matos, e de pulverizações com leite de cal, e as árvores velhas ou adultas com estas pulverizações.

Aplicar caldas cúpricas a 2% aos citrinos, cujos frutos iniciem a maturação. — E fazer desinfecções de Inverno às outras fruteiras, com recurso às caldas para cada caso indicadas.

Lavar amendoais e pomares estremes de pevide, em terra livre, e fazer calagens onde sejam necessárias.

Na Madeira, iniciar a enxertia dos abacateiros; — e limpar as bananeiras dos cachos e folhas secas.

NAS VINHAS

Continuar a escava de água, onde ainda não esteja pronta.

Terminar a desmadeira e carbonizar prontamente e mergulhar depois as pon-

tas da madeira em solução forte de sulfato de cobre para a sua melhor conservação e maior duração.

Começar a poda nas zonas mais quentes, reservando para a enxertia ou a mergulhia as vides sãs e que tenham produção mais regular das melhores castas.

Abrir covas ou valas para retanchar.

Meter mato nas entrelinhas das vinhas cansadas, de preferência polvilhado com gesso ou cal, conforme os casos.

Tapar a escava das baceladas ou enxertias novas se as geadas ou os frios forem fortes.

NAS MATAS E MATOS

Cortar matos em abundância, sem esquecer os fetos que são muito ricos, sempre que o tempo o permita, para as camas, para interpor nas estrumeiras às camadas de estrume e para o fabrico de estrume artificial.

Picar ou cachar as calvas dos matos, se ainda o não foram, e semear giestas, e tojos.

Aplicar gesso, ou melhor superfosfato ou fosfato Tomás, por tempo chuvoso ou enevoeirado, aos giestais e aos tojais, depois dos cortes.

Semear penisco e plantar árvores florestais em especial nos locais não muito atreitos às geadas fortes.

NAS ESTRUMEIRAS

Vigiar com atenção as estrumeiras, esterqueiras ou nitreiras, para que a curtimento não afrouxe, regando com chorumbe ou água estreme ou cortando os estrumes.

Intensificar a produção dos estrumes, aproveitando ao máximo palhas, moínhas, mato, caruma, fetos, ervas ruins, bagaços de uva e azeitona, etc.—Aproveitar pelos meios mais práticos as escorrências dos estábulos que não estejam canalizadas para estrumeiras ou fossas.

NAS ADEGAS

Trasfegar, eliminando as borras quanto antes, porque são más companheiras.—Examinar os vinhos novos, cada um de per si, fazendo-lhes a «prova de ar» para conhecer-se o seu estado e proceder a correcções se forem necessárias.

Atestar as vasilhas mal cheias ou sulfurá-las para evitar o gosto a vazio, a flor, etc..

Arejar as adegas, em dias calmos, para evitar o aparecimento de bolores e maus cheiros.

NO AVIÁRIO

Resguardar as aves contra o frio, fechando bem as portas e janelas e evitando o mais possível as correntes de ar.

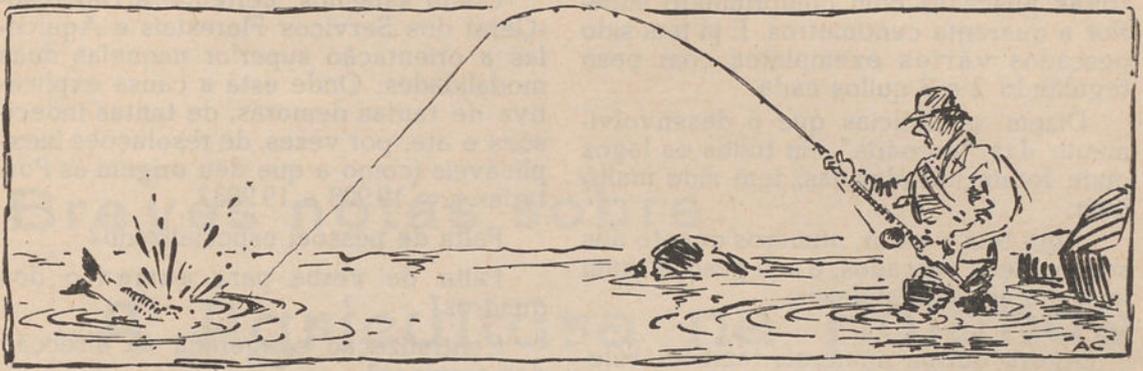
Recorrer a papas mornas nos dias mais frios, feitas com farinhas ou farelos, adicionadas de pós de cascas de ovos ou de conchas de ostras.—Evitar as verduras migadas para as obrigar ao movimento.

Proteger os bebedouros e provê-los de água quente nos dias ásperos ou durante os períodos de gelo.

Dar os grãos, de preferência germinados.

Remexer a terra dos galinheiros ou dos recintos de criação para que os galináceos esgaravatem melhor.

Intensificar a engorda dos capões, gansos, patos e perus para venda pelo Natal e Ano-Novo.



CAÇA E PESCA

Números que convém conhecer

Por ALMEIDA COQUET

JÁ mais de uma vez publiquei aqui números convincentes, irrefutáveis, mostrando o enorme valor da pesca nas águas interiores.

Mas os dias somam-se uns aos outros, os meses seguem-se de enfiada e os anos, desde que há aviões de jacto, deslizam mais rápidos que os 365 dias marcados no calendário! E nós continuamos com uma lentidão de carro de bois, primeiro a cosinhar uma lei, depois (e muito depois...) um regulamento à mesma; e agora, nada de canseiras, vamos de vagar...

Já no último artigo disse que há **oito anos** que o Dr. Cerveira Pinto levantou o assunto na Assembleia Nacional. Dando de barato que fossem precisos **dois anos** para montarmos a nova orgânica, tínhamos tido **seis anos** úteis para obtermos resultados práticos.

E que resultados poderíamos ter obtido nesse lapso de tempo? perguntará o leitor.

Eis a resposta:

Os factos que vou apontar passam-se na Irlanda, país bem conhecido pelas

grandes possibilidades que oferece à pesca desportiva.

Os dirigentes da pesca começaram há alguns anos experimentando a introdução da truta "arco-íris" em várias águas interiores, principalmente lagos. E assim, em 1960 *limparam* o lago Acalla de todo o peixe indesejável. Este lago, situado perto de Ballinasloe e com uma área de cerca de dez hectares, foi povoado em 1961 com 13000 alevins de "arco-íris" de dez centímetros de comprimento.

Em Julho de 1962, permitiu-se a pesca só das margens, com um limite de quatro trutas por pescador e por dia.

Os resultados foram os seguintes:

Em Julho, passou de 2500 trutas, regulando 1 arrátel cada e algumas de 2 arrátéis; em Agosto, 727 trutas com a média de 1 arrátel e 1 quarto; e em Setembro, 334 trutas com a média de 1 arrátel e meio.

Este ano já foram pescadas mais de 3000 trutas bem desenvolvidas. E como ainda há trutas do povoamento inicial, de grande tamanho, foi eliminado o limite de

trutas pescadas com comprimento superior a quarenta centímetros. E já tem sido pescados vários exemplares com peso regulando 2 e 3 quilos cada.

Dizem as notícias que o desenvolvimento das "arco-iris" em todos os lagos onde foram introduzidas, tem sido muito bom.

Aqui tem o leitor, números quanto aos salmonídeos pescados, e seu peso, só num lago em águas irlandesas.

Agora outros números, também, referentes à Irlanda, e indicados por Mr. Childers, Ministro dos Transportes do Eire. Disse ele, numa distribuição de prémios a pescadores desportivos, que em 1962, os pescadores que visitaram a Irlanda gastaram lá uma soma de cerca de **um milhão trezentas e cinquenta mil libras!!!**

Isto são números publicados na *Fishing Gazette & Sea Angler*, de 2 do mês findo.

E aqui estão resultados que se não podem ignorar. Principalmente os que dizem respeito ao povoamento do lago Acalla, em pouco mais de **dois anos de trabalho**.

Pergunto:

O que não poderíamos nós ter feito nos **seis anos** que desperdiçamos?

Este nosso à-vontade no assunto das águas interiores, casa-se bem com o que vem sucedendo com a perdiz.

Todos sabem que a perdiz está praticamente a caminho da extinção no nosso País.

Só fantasistas (para lhes não dar outro nome) é que podem julgar que *nadamos em perdizes*, e só assim se explicará... a actual exportação de perdizes mortas para o estrangeiro!

Mas nem a lei se cumpriu. Pois se a sua venda só é permitida depois de 15 de Outubro, como explicar a exportação de 300 perdizes cinco dias antes daquela data?

Eu suponho que em toda esta nossa orgânica da caça e da pesca há alguma coisa que não está certa.

Como sabemos, pertence à Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas a orientação superior naquelas duas modalidades. Onde está a causa explicativa de tantas demoras, de tantas indecisões e até, por vezes, de resoluções inexplicáveis (como a que deu origem às Portarias n.os 19908 e 19988?

Falta de pessoal especializado?

Falta de verba para aumento dos quadros?

Centralização exagerada na direcção dos serviços?

Ignoro. Mas o que sei — o que todos sabemos — é que perdemos tempo sem conta, sem atingirmos os fins em vista: nem caça, nem pesca... nem resultados em dinheiro de turistas-pescadores, como na Irlanda. Para não falar noutros países, entre os quais a vizinha Espanha.

Mas voltemos ainda aos resultados obtidos no lago Acalla, para lembrarmos mais uma vez o que em tempos já aqui apresentamos:

A NOSSA EXPERIÊNCIA NA LAGOA COMPRIDA (Serra da Estrela) cerca de 1932-1933, quando a Estação Aquícola do rio Ave fez os primeiros ensaios do povoamento com trutas naquelas águas virgens de espécies ictiológicas.

Em 1934, já ali se pescavam óptimas trutas, mas em 1935 e 1936, os resultados ultrapassaram todas as previsões.

Quer dizer, há já **quarenta anos**, que os nossos Serviços Aquícolas levaram a efeito uma operação idêntica à que há pouco executou a Irlanda nos seus lagos.

Mas tudo desapareceu na nossa Lagoa Comprida. Foi o descalabro completo, deixando que os chamados *profissionais* tudo apanhassem e tudo vendessem!

Não é caso para sentirmos forte indignação quando presenciarmos tais barbaridades? Não é caso para nos indignarmos também agora com a destruição da nossa perdiz?

Indignação e desalento...

Breves notas sobre

A Agricultura na Holanda

I — A obtenção da terra e a sua utilização

Por DUÍLIO MARQUES
Engenheiro Agrônomo

A Holanda é um pequeno país, se o olharmos, apenas na sua extensão territorial: tem pouco mais de 200 quilómetros de comprimento por 150 de largo. A sua área de uns 41 000 Km² está em cerca de 1/4 parte coberta de água e do que resta, 900 000 Ha são de terras aráveis, 1,3 milhões de Ha de pastagens, 130 000 Ha de terras horticolas e 260 000 Ha de florestas.

É, entretanto, uma grande nação cheia de força e bem organizada, que realiza mesmo o que necessita realizar.

Aquela sinfonia de verde num festival de água, se é possível por condições naturais que, bom ou mau grado dos holandeses, os empurraram para a luta com o mar e para o aproveitamento das condições de clima, representa a vitória da vontade e da técnica sobre a força dos elementos.

O primeiro bem, nem sempre o mais rendoso, mas sempre o maior — a terra — negou-se-lhes, ou, pelo menos ocultou-se em parte, numa garridice que gerou o interesse. Estava ali, a pouca profundidade, mas havia que desnuda-la da sua roupagem, a água.

E a luta começou há muito tempo, vitoriosa umas vezes, em derrota, outras. A técnica inicialmente primitiva foi sendo transformada, à sombra dos revezes que

o mar enfurecido ditava, de quando em quando.

Remontam ao século XII as primeiras tentativas, mas foi no XVII que construindo diques incipientes, utilizando redes de canais e os folclóricos moinhos de vento, se tornou possível secar áreas apreciáveis. Depois o mar vinha e arrasava tudo.

Os métodos foram-se transformando com a experiência de cada revés; as máquinas a vapor, o gasóleo, a electricidade, substituíram com vantagem os bucólicos moinhos; o ferro e o betão permitiram novos conceitos, e hoje, é quase com arrogância que o homem burla a violência do mar, para «estender» diques onde melhor lhe apraz, até que um dia ele novamente se irrite, como em Fevereiro de 1953, e diga a sua palavra que desejamos seja de submissão.

Após o fecho de um dique, há que secar, dessalgar e cultivar a terra que ele protege.

O grande, mas pouco profundo, lago formado, onde acorrem permanentemente águas doces das chuvas e dos rios, vai ser sujeito a intensas transformações: primeiramente, são dragados extensos canais que guiarão as águas para as grandes estações de bombagem e durante muito tempo, aquelas bombas poderosas vão vomitando para fora ininterrupta-

mente os milhares de metros cúbicos de água salgada que cobrem as terras.

Mais tarde, eliminadas as grandes massas de água, surgem as terras mais ou menos húmidas ainda, que é necessário drenar convenientemente; abrem-se então canais secundários, colectores, valas e colocam-se os drenos. Uma boa parte desta rede, constitui, desde logo, a



Fecho de um dique

via fluvial que há-de permitir os primeiros transportes, e que jamais se perderá como caminho fundamental para o escoamento dos produtos.

Para permitir a ligação, à rede fluvial, exterior ao polder, constroem-se eclusas que permitem a passagem dos barcos entre canais com diferenças de nível de vários metros e até entre o polder e o mar, com desníveis de 6 metros e mais, como tivemos ocasião de ver em Urk.

O traçado dos canais e valas, divide o terreno em parcelas, todas iguais, por exemplo de 800 m de comprido por 300 de largo—24 Ha—limitadas de um lado por um colector e dos 3 restantes por valas. Reservando maior ou menor quan-

tidade de água, bombando intensamente ou metendo água doce, pode-se fazer subir ou descer o lençol freático, regando assim, quando necessário.

Cada parcela tem uma das faces contigua a uma estrada, sendo nessa extremidade que se constrói o assento de lavoura.

De princípio, não era a obtenção de terra para cultivo o maior e principal fim da secagem dos polders. Havia antes em vista prevenir o ataque das águas do mar, quando enfurecidas, às povoações existentes, como foi o caso da secagem do lago de Harlem que defendeu a cidade de Amsterdam. Em parte do que foi o lago, existe hoje o aeroporto nacional dos Países Baixos — Schiphol — com uma área de 850 Ha dos quais 521 constituem uma exploração agrícola, conduzida dentro do condicionamento do tráfego aéreo. É um aproveitamento interessante que não deixa perder uma área apreciável de boa terra de polder.

Em muitos pontos, através os diques, dão-se infiltrações de água salgada que iriam prejudicar os terrenos de cultura. Por esta razão é necessário, por vezes, construir um outro dique, o qual delimita na realidade o polder e que dá origem à formação de um lago de água doce (entre o dique que sustem o mar e o que delimita o polder) onde se diluem as infiltrações de água salgada e que serve de reservatório, permitindo regular o nível freático no polder.

Depois de seca, cada parcela é nivelada, drenada com tubos e semeada de caniço, por meio de um avião ou helicóptero, para combater as más ervas. Em 3 a 5 anos o caniço desaparece, semeando-se imediatamente luzerna, a que se seguem cevada e aveia. Dentro de 4 anos em média, a cultura pode fazer-se com certa garantia.

Logo que os serviços técnicos dão as terras prontas para cultivar, são distribuídos os lotes.

Normalmente, o número de candidatos a cada lote é elevado, de modo que o estado, pode escolher o agricultor a quem o vai alugar.

Como a maior parte dos agricultores tem curso de agricultura, isto é, se preparou para exercer a sua profissão, não há preocupações quanto a esse facto, mas investigam-se as suas qualidades e antecedentes, exige-se um capital de 2000 florins por Ha (cerca de 96 000\$00) e o pagamento de uma renda que vai de 80 a 200 florins por Ha e ano, conforme a categoria do solo (há 10 categorias). O arrendamento é feito por períodos que vão de 12 até 90 anos.

Até para se estabelecerem nas aldeias dos polders que o estado também constrói, há uma selecção entre os candidatos de cada profissão (!!!), de modo a dar as melhores oportunidades aos mais aptos e a não elevar o número de elementos por mister para cima do necessário.

* * *

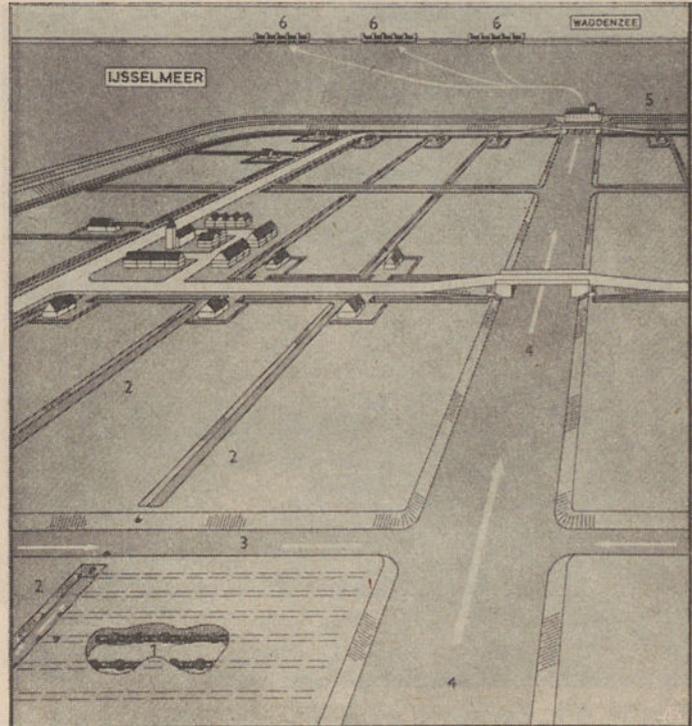
Mas na Holanda, não existem apenas as terras agrícolas provenientes da secagem dos polders; cultivam-se muitas outras interiores, quase todas de escassa altitude, onde a agricultura, mormente a criação de gado, a avicultura, a pomicultura e a horticultura, tem a maior importância e valor.

Note-se, desde já, que não é nas terras altamente produtivas dos polders que se localiza a criação do gado, mas nos solos mais delgados e pobres do interior.

A grande maioria das terras boas estão dedicadas à cultura intensiva, fazendo-se quase sempre a exploração do gado, extensivamente, com os animais na pastagem durante cerca de meio ano, a uma densidade média de pouco mais de uma cabeça adulta por hectare. Isto é um assunto a que esperamos voltar quando pròximamente tratarmos das produções agrícolas.

Nas terras interiores, embora sempre

de configuração geométrica, muitas vezes rectangular, as propriedades, diferentes das dos polders, não foram cortadas a régua e esquadro, de modo a constituírem verdadeiras unidades económicas. Assim, tivemos ocasião de visitar explorações de 7 e 8 hectares, em zonas onde, por isso mesmo está previsto o emparcelamento, chegando a considerar-se a necessidade



1-Drenos; 2-Valas; 3-Canais; 4-Colector; 5-Dique do Polder; 6-Dique do fecho para o mar

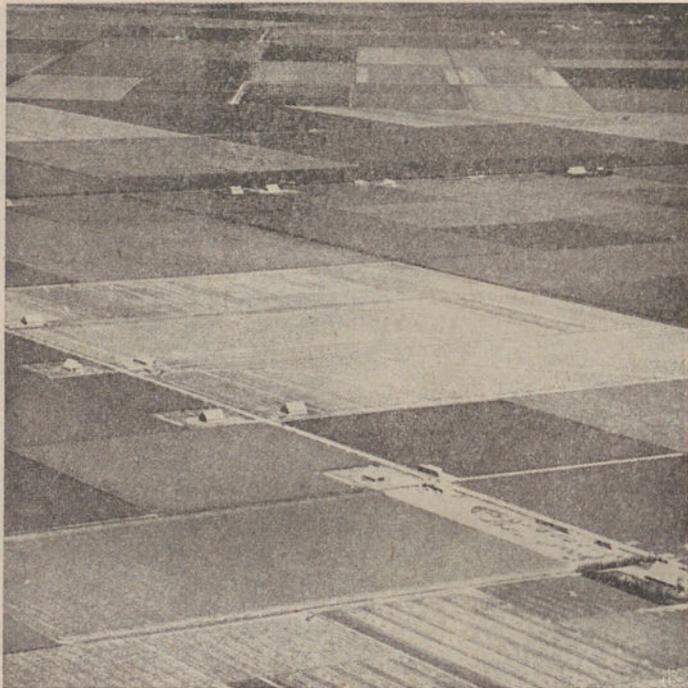
de transferir mesmo a sede das explorações, deixando os actuais assentos de lavoura para alargamento da área das povoações.

A resistência à mudança de local, mesmo para obter o benefício da área a agricultar numa única parcela, de tamanho suficiente — 25 a 30 Ha — é, também ali, grande.

Zonas há em que o emparcelamento, por exiguidade de terra, terá que fazer-se apenas por redução do número de prédios, o que obrigará a uma mudança de cultura, quase sempre da exploração leiteira para a hortícola, única forma de

nessa área reduzida—os 7 a 8 ha—poder aguentar-se cada família.

Noutros casos, uma exploração avícola ou porcina, que ocupa pequena área, apenas a do galinheiro ou da casa de cria dos suínos, é o caminho seguido com êxito. Claro que o alto nível de especialização em que essas explorações se realizam, proveniente da funda preparação



Polder dividido em parcelas de 24 Ha

do chefe da empresa, permite bons lucros. Nestas zonas de pequena propriedade—insistimos 7 a 8 ha—só quem trabalha bem, pode subsistir; o agricultor, diplomado para essa função, é tudo na sua propriedade: dono, chefe da exploração, contabilista, tractorista, tratador de gado...

É certo que a sua associação o apoia, fornecendo-lhe boas rações, cuidando de facilitar o seu trabalho de «vendedor diplomado» dos produtos que obtém, mas é ele, com o auxílio da mulher e dos filhos, que responde por toda a mão de obra. Se não é capaz de aguentar tudo e ganhar dinheiro, tem que deixar mesmo a agricultura, o que permite um alargamento de área para os que ficam.

Esta é uma evolução que se está verificando em vários países do norte da Europa, que é normal e imperiosa: dos que têm menos terra, saem os menos aptos, procurando outros modos de vida mais fáceis que a agricultura.

Numa pequena exploração, só dificilmente se poderá pagar um assalariado, de modo que a família tem mesmo que fazer tudo. Aliás, um assalariado que trabalhe na agricultura, dada a sua preparação, a falta de mão-de-obra e assim o alto salário, não ganha menos que o que explora directamente e tem muito menos risco.

Tal circunstância, determina a vulgar consulta dos alunos das escolas de agricultura, aos seus professores, sobre se valerá a pena encaminharem-se para a lavoura, como empresários, ou como assalariados.

Dadas as condições de trabalho de uns e outros, inteiramente semelhantes, e a menor responsabilidade e risco do assalariado, parece-me que um diplomado por uma escola agrícola secundária de agricultura, estará melhor como assalariado. O trabalho é precisamente o mesmo, pois, como já antes referi, a maioria esmagadora dos agricultores não só da Holanda mas do Norte da Europa, como da América, faz todos os trabalhos por sua própria

mão. Mesmo quando a dimensão da propriedade obriga a admitir, em algumas épocas, um ou mais assalariados, o chefe da exploração trabalha a seu lado, nos mesmos serviços e vive a mesma vida.

Numa pequena propriedade de 8 ha, com 13 vacas e 1200 galinhas, em que todo o trabalho é feito pelo chefe da exploração, dando a mulher à agricultura apenas 2 horas por dia, como é comum na maior parte das famílias, especialmente para cuidar das galinhas, apenas é admitido um assalariado 2 vezes por ano, para a remoção da cama permanente do aviário.

É claro que em todas as agriculturas bem organizadas, a exploração familiar é

cada vez mais a solução única, visto ser a mão-de-obra em relação com o tipo de agricultura, isto é, a natureza das explorações e forma de as conduzir, que comanda a área a cultivar.

Há naturalmente limites mínimos, abaixo dos quais não é possível viver; e máximos, que dentro de um diagrama conveniente de trabalho, fixam as necessidades de assalariados, por períodos, determinam os montantes de investimentos admissíveis e apontam os rendimentos a atingir para que haja lucro e a exploração seja viável.

* * *

Não nos atrevemos a fazer comparação entre o que se faz na Holanda e o que se passa entre nós, mas não fugimos à tentação de deixar aqui uma meia dúzia de pontos de meditação:

a) recuperação de terras pelo Estado que as prepara com drenagem, vias de comunicação, habitação e cómodos agrícolas e as deixa em condições de imediata cultura remuneradora, alugando-as então em parcelas de área económica;

b) agricultores com preparação suficiente, por terem, em geral, curso de agricultura;

c) zonas de pequena propriedade em emparcelamento;

d) abandono da agricultura pelos agricultores de muito pequena dimensão e pelos menos aptos;

e) assalariados com boa preparação, recebendo altos salários e merecendo-os pelo que produzem;

f) diplomados por escolas de agricultura que trabalham como operários agrícolas e não como empresários, contrariamente à sua intenção quando foram frequentar a escola, por verificarem que não têm menores proventos, embora sem quaisquer riscos.

* * *

A Holanda soube preparar as terras de que necessitava, encontrar as estruturas convenientes, formar agricultores com cursos básicos e é-lhe agora relativa-

mente fácil dar-lhes orientação e tirar-lhes as dúvidas. Desta forma a sua agricultura é progressiva e remuneradora.

As terras de que dispõe, dentro ou fora dos polders, são cultivadas com as espécies que permitem bons rendimentos, trabalhadas como a técnica manda; não tem montanhas nem pedra — a que necessita vem-lhe da Alemanha através o Reno — mas se uma terra é mais alta, logo se reveste de floresta caso não sirva para pomar.

Os agricultores estão lá, na terra, e não fazem outra coisa, porque fazem o que sabem, o que foram à escola aprender e lhes chega para viverem. Os seus rendimentos são altos em produção por hectare, em receita bruta e líquida, apesar de não terem preços elevados os produtos que vendem, se os avaliarmos não em florins transformados em escudos, mas em percentagens do salário diário de um homem, de uma renda de casa, do preço do bilhete de comboio.

Não há dúvida de que é uma agricultura bem conduzida, em que é certamente menos penoso ser agricultor e mais aliante ser técnico.

Ensinamentos úteis

(De Rádio Rural)

Entre nós, a «larva do alfinete do milho» é causa de prejuízos em todo o País, que se podem calcular em milhares de contos. Há, pois, que lutar contra este inimigo, por qualquer dos processos correntes — rolagens depois das sementeiras, espalhamento de insecticidas, etc. —, convido, no entanto, consultar os Serviços Agrícolas de cada área, portanto todos os dias estão a aparecer novos produtos e novas técnicas.

*

Todo o vaqueiro deve saber que a ordenha tem de ser executada com rapidez e que, depois de haver sido iniciada, nunca deve ser interrompida. A paragem fez com que a vaca retenha o leite, o que, além de contribuir para baixar a produção, pode ainda causar graves transtornos funcionais.

Curso de Gestão

de ADEGAS COOPERATIVAS

NOS primeiros dias de Novembro passado realizou-se no Porto um Curso de Gestão de Adegas Cooperativas.

Para muitos poderá parecer estranha a ideia e o assunto. Estão neste caso todos quantos não dão à ideia cooperativa toda a importância e virtualidade que ela em si encerra. Pelo contrário, aqueles que vivem a ideia e acompanham ou dirigem cooperativas, sabem como é importante e árdua a função de dirigir essas sociedades. Daí o interesse em estudar métodos novos de administração — ou adoptando a designação actual e quase sinónima — de gestão, base para uma orientação segura, fundamentada e esclarecida da vida económica e financeira dessas empresas.

Em boa hora assim o compreendeu a União das Adegas Cooperativas da Região dos Vinhos Verdes (em organização) e felizmente que os seus anseios foram compreendidos pelo Centro de Estudos de Economia

Agrária da Fundação Calouste Gulbenkian.

O Curso realizou-se na sede da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes e a ele assistiram numerosos dirigentes de cooperativas de todo o País,

técnicos agrícolas e administrativos dos Serviços Oficiais e de organismos corporativos e de coordenação económica.

A orientação do Curso e a apresentação dos conferentes esteve a cargo do eng. Manuel Bobone do C. E. E. A. que, na sessão de abertura historiou a razão e os motivos que levaram o Centro a dar satisfação ao pedido que as Adegas Cooperativas da Região dos Vinhos Verdes lhe formulara. Para isso recorrera novamente, tal como fizera anteriormente para a realização em Lisboa dum curso de cooperativismo,

ao Centre National de la Cooperation Agricole que, pela sua E'cole Superieur Internationale de la Cooperation — onde se formam os quadros técnicos superio-



O sr. Letellier expando

res da cooperação francesa e dos países que para esse fim se lhe dirijam — assegurou a regência deste Curso.

Foram conferentes os srs. Letellier, conselheiro de Gestão da Confederação Nacional das Cooperativas Vinícolas em França e perito do Centro Nacional da Cooperação Agrícola francesa e Combacal, enólogo e director duma das mais importantes cooperativas vinícolas do Sul da França, a Cave Cooperative de Montbasin.

As lições, três maciços dias de exposição, foram a todos os títulos notáveis pela clareza, pela elegância de exposição, pela perfeita ideia de conjunto e do sentido que em todos ficou bem vincado da importância que a Gestão tem na vida de qualquer empresa e portanto também nas de feição cooperativa.

Não é possível, neste breve apontamento, descrever o que foi esse Curso. Ao sr. Letellier coube falar sobre "O Cooperativismo Agrícola em França — Os Problemas e as Estruturas de Gestão das Cooperativas — que dividiu em duas partes: 1.º Origem, desenvolvimento, organização da cooperação agrícola em França;



O sr. Combacal numa das suas lições

2.º Estruturas e Problemas de Gestão nas empresas cooperativas e sua interdependência, e ainda sobre Os problemas financeiros e contabilísticos das adegas cooperativas e Problemas financeiros e contabilísticos específicos das adegas cooperativas.

Registamos com o maior prazer o nível e o sentido didático dessas lições, o interesse que o conferente soube despertar e o diálogo que provocou e se prolongava muito para além do horário estabelecido.

Ao sr. Combacal, que mostrou ser um grande dirigente de empresa cooperativa e que em Montbasin e com base na Cave Cooperative tem uma obra notável que se estende à cooperação de maquinaria, de cultura e de defesa sanitária dos vinhedos dos associados, coube falar sobre a parte de administração que dividiu sugestivamente nos seguintes capítulos: *Produzir bem; Trans-*



Parte da assistência

* * *

Para que o Curso, notável pelo nível e notável pelo êxito alcançado, dê todos os seus frutos torna-se imprescindível dar realidade ao projectado pelo C.E.E.A. da Fundação Gulbenkian — promover um estágio em Adeegas Cooperativas francesas, de dirigentes de Adeegas Cooperativas portuguesas e de técnicos que, in loco, observem, estudem e até pratiquem as modernas técnicas de gestão. Para já é imprescindível considerar a sugestão apresentada pelo sr. Letellier de que o novo modelo contabilístico das adeegas cooperativas, em estudo, fosse observado em conjunto para o que ele desde logo se oferecia.

Estamos certos que o sucesso deste Curso foi para os responsáveis pelo Centro de Estudos de Economia Agrária justa compensação da sua boa vontade e esforços. Que ele seja também incentivo para organização de novas manifestações do mesmo género.

Novo processo para o fabrico do suco de laranja

Técnicos competentíssimos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América, revelaram, há pouco, uma nova fórmula para o fabrico de suco de laranja em pó.

A coisa diz-se, é muito simples.

Pequenas quantidades de proteína de soja e metil celulose são adicionadas ao suco de laranja já concentrado, de maneira a que este possa ser batido até formar uma espuma estável. Depois, uma prensa especial força essa espuma, que sai como um esparguete, imediatamente seco, pela corrente de ar a que é submetida. Seguidamente, procede-se à pulverização dos esparguetes e à sua mistura com óleo de laranja.

O suco em pó é empacotado com um agente secante e, assim, pode ser guardado por longo tempo sem mudar de gosto ou deteriorar-se.

Os vinhos do Algarve

(Conclusão da pág. 804)

O estágio de envelhecimento é de cinco anos; após este período, submete-se aos tratamentos julgados indispensáveis, destinados ao engarrafamento.

Características essenciais destes vinhos Vinho tinto de Lagoa

Densidade	09.9252
Álcool em volume (o/o)	13.7
Extracto seco (g/l)	26.5
Acidez volátil acética (g/l)	0.60
Acidez fixa tartárica (g/l)	4.0
Açúcar (g/l)	2.5
pH.	3.60

Afonso III

Densidade	0.9867
Álcool (o/o)	18
Extracto seco (g/l)	24.7
Acidez fixa tartárica (g/l)	4.7
Acidez volátil acética (g/l)	0.7
pH.	3.60

A produção total deste vinho aperitivo, pode atingir cerca de 100 000 litros.

Eis uma região, onde se torna difícil o problema das fermentações. Quanto a nós, existem três factores desfavoráveis para a produção frequente dos amuos: uvas ricas em açúcar, temperaturas elevadas, cubas de fermentação de grande capacidade e falta de arejamento. Qualquer destes agentes isolados, pode ser responsável pelas anomalias citadas, mas, dois, ou mais em conjunto, são susceptíveis de contribuir rapidamente, para os insucessos verificados anualmente. As soluções propostas, indicadas por nós, na *Gazeta das Aldeias*, de 16 de Outubro último, são de tentar.

Nas futuras construções de adeegas, há toda a conveniência em atender-se à exposição e situação dos depósitos de fermentação, escolhendo os locais mais frescos. Aconselham-se também, depósitos mais pequenos, com uma abertura central, bastante larga, para permitir um melhor arejamento.

FORÇAGEM

Por M. SOARES DA ROCHA
Eng. Agrônomo

(Continuação do n.º 2504, pág. 738)

ASPECTOS RELACIONADOS COM A MÃO-DE-OBRA

44. Vamos tratar, neste artigo, dos aspectos fundamentais que possam caracterizar e evidenciar o papel deste factor de produção nas culturas forçadas.

45. No último artigo procuramos dar ideia do altíssimo nível de consumo dos fertilizantes químicos nestas culturas de meio condicionado, nomeadamente na alta forçagem.

Se, porém, nos dermos a fazer o confronto do encargo da fertilização com os outros encargos, com base monetária, verificaremos que a fertilização ocupa uma posição muito modesta.

Para concretizar ideias vamos apresentar um panorama do relativismo dos factores que intervêm num determinado tipo de custo de produção.

É o que consta do Quadro I.

Trata-se de um exemplo apresentado por BOSSARD⁽¹⁾ e traduz o valor médio da estimativa de custo de produção feita por um produtor dos Estados Unidos — onde aquele autor esteve em visita de estudo — sobre a composição, em percentagem, do custo de produção de culturas em estufa aquecida.

Deve ainda dizer-se que o custo total, em valor absoluto, a que se refere esta distribuição é de 2,08 dólares por pé qua-

(1) BOSSARD — Cultures florales. Baillièrre et fils. Paris. 1960.

drado ou seja, referido a escudos e ao metro quadrado de estufa coberta, 60\$/m².

Este valor, bem como a própria especificação dos encargos feita no Quadro I, mostra que a forçagem, é tanto mais quanto mais se caminha no sentido da

QUADRO I

Descriminação dos encargos	Composição percentual do custo de produção
Mão-de-obra na condução cultural. . .	49,7
» » » do aquecimento	7,5
Salários do pessoal administrativo. . .	6,8
Combustível	10,2
Energia e iluminação	1,7
Adubos (e pesticidas)	1,2
Vasos e plataformas	1,5
Reparações	8,8
Amortizações.	4,1
Impostos.	1,8
Seguros	1,2
Embalagem	1,8
Despesas de expedição	1,2
» » telefone	0,2
Diversos.	2,8

alta forçagem, é uma actividade agrícola de cunho unicamente industrial.

A ela pois se ajustam, com particular acuidade, empresas possantes.

Passando a analisar-se o Quadro I (e tendo bem presente que os números indicados dizem respeito a um país desenvolvido em elevado grau e onde o trabalho

tem a mais alta remuneração registada no mundo) verifica-se que a mão-de-obra tem uma posição elevadíssima, representando cerca de 57% do custo. Comparada com esta, bem modesta é a despesa dos fertilizantes (incluindo até os pesticidas) 1,2%.

A própria disparidade destes números toma a feição de «indicador» de desenvolvimento económico.

46. A quando de uma visita de estudo que fizemos (1) a Itália, constatamos que as mais altas remunerações do trabalho no sector da agricultura se verificavam na Riviera, que é onde as culturas forçadas, nos domínios da horticultura e da floricultura tem maior expansão e expressão. Os salários eram de 2000 liras, o equivalente, em escudos, a 94\$/dia.

47. Agora dediquemos a atenção a outro aspecto e que vem a ser o da quantidade de mão-de-obra absorvida.

Começemos por considerar alguns exemplos passados com a floricultura forçada e para as culturas de rosas e cravos.

Atente-se no Quadro II, elaborado a partir de elementos compilados por BOS-

QUADRO II

Culturas	Países	Horas por are coberto de estufa
ROSAS	França (Cote d'Azur) .	180
	Itália (Riviera)	162
	Holanda.	200
	Suíça	180
	Estados Unidos.	180
CRAVOS		
	de Nice	
	França (Cote d'Azur) .	373
	Itália (Riviera)	380
Americanos	França (Cote d'Azur) .	312
	Holanda.	255

SARD, na obra antes citada, onde se referem o trabalho, absorvido em horas e por are (100m) coberto de estufa, em vários países.

Pelo que respeita à horticultura apre-

(1) ROCHA, M. S. — Aspectos técnico-económicos de dois polos da agricultura industrializada (Relatório de uma missão de estudo a Itália) Mim. S.C.I. Lisboa. 1959.

sentam-se, para evidenciar o ponto de vista que estamos tratando, os seguintes exemplos.

Em Albenga, que fica na região da Ligúria (Itália) e, nesta, compreendida na tradicional Riviera, uma zona altamente especializada em horticultura, com larguíssima representação de todas as modalidades de forçagem, constatamos nós que uma exploração constituída por 10 000 m², dos quais 3000 m² em estufa, absorvia, em média, 20 dias-homens por are (100 m²). Se tomarmos 8 horas de trabalho diário, obtem-se o equivalente a 160 horas por are.

Considerando a cultura hortícola feita exclusivamente em estufa aquecida poder-se-á apreciar o valor e significado da quantidade da mão-de-obra empregada através desta informação de BARBA (1) em que diz que «a importância da estufa sob o aspecto social fica logo evidenciada quando se pensa que uma estufa aquecida de cerca de 500 m² pode empregar 500 dias-homem de trabalho por ano, ou seja que o trabalho intensivo de uma estufa absorve num ano inteiro a mão-de-obra de um homem e de uma mulher cultivando directamente».

48. Por outro lado, forçagem implica, logo de início, a ideia de mão-de-obra em elevado grau de qualificação e especialização e, tanto mais quanto «mais forçadas» são as culturas; quer dizer, crescendo desde a forçagem elementar à alta forçagem de climatização automática.

E este aspecto tem muita importância: tanto pelo que representa de «evolução» e apetrechamento profissional no campo da população activa agrícola, como por um factor fundamental a considerar quando se projecte a «instalação», e a expansão consequente, da forçagem em meios onde a mão-de-obra é de fraca ou nula qualificação, apesar das restantes condições poderem ser potencialmente favoráveis à montagem da forçagem. Em tais circunstâncias é preciso prever a formação da mão-de-obra.

49 Como se depreende das unidades antes referidas e empregadas em for-

(Continua na pág 912)

(1) BARBA, Luigi — Incoraggianti progressi dell'Orticultura in serra. Progresso Agricola. N.º 11. 1957.

A COOPERAÇÃO NA AGRICULTURA

Mútuas de Seguro de Gado Bovino — Como se dirigem

Por WALDEMAR CARNEIRO DA SILVA
Eng. Agrónomo

(Continuação do n.º 2506, pág. 807)

1 — Da admissão de associados

Infelizmente, em grande parte das nossas associações agrícolas, a entrada dos associados constitui um acto associativo a que se liga, quase sempre, a menor importância.

O futuro associado vê, no *pedido de admissão* uma formalidade a cumprir e não um acto que o vai obrigar aos deveres impostos pela associação, para bem de toda a colectividade.

Em geral, todos esquecem que através duma aceitação compreendida dos deveres associativos é que terão direito às regalias que a mesma associação pode oferecer.

Mas não se julgue que este fenómeno se verifica somente junto dos lavradores menos dotados de cultura; isso é um engano redondo. Há casos flagrantes de associados com graves responsabilidades, pelos conhecimentos, pela ilustração e mesmo até, devido à posição social que ocupam, que não ligam a mais pequena importância ao acto de pedir a sua admissão numa sociedade cooperativa, vindo a revelar-se maus elementos.

Estes casos, felizmente raros, são os que mais profundamente podem molestar a vida associativa das pequenas cooperativas agrícolas, porque o mau exemplo dado por estes sócios mais em evidência na sociedade, constitui motivo de des-

confiança para os associados mais humildes, quase sempre mais necessitados de viver em associação.

Não posso deixar de referir, como exemplo notável, o que há bem poucos meses li num diário regional do nosso Minho. O caso passou-se em referência a uma cooperativa agrícola de produção, cujo nome não indico, por razões óbvias.

As críticas feitas à gerência da Direcção, por um associado efectivo e muito conhecido no meio, envolviam um desconhecimento total da doutrina cooperativa no tocante à *admissão de associados*.

A forma, como o associado em referência dizia que era obrigado a entregar os seus produtos à cooperativa de produção, dava logo a entender, mesmo aos alheios ao problema, que ele teria *assinado de cruz* o seu pedido de admissão para a sociedade de lavradores.

Que pena que o escândalo seja dado por associados que antes deveriam dar o exemplo, atenta a sua cultura e a sua projecção social no meio ambiente!

É precisamente por este motivo que me parece de basilar importância tornar o *acto de admissão* mais cerimonioso, mais consciente e importante, obrigando todos os futuros cooperadores da associação a ficarem ligados de facto às suas responsabilidades, já que, se a *entrada é livre não é por isso obrigatória*, como

no caso que aponte, pretendia o associado ligado à crítica.

Tal como noutra qualquer cooperativa agrícola, a admissão de um novo associado, numa Mútua de Seguro de Gado, envolve três requisitos-base, que enuncio:

- Pedido de admissão, feito pelo interessado;
- Proposta de aceitação, feita por dois sócios da mútua;
- Resolução da Direcção, em reunião da mesma.

O pedido, a proposta e a resolução indicados ficam escritos num documento,

ciados. Conheço um, onde aliás este foi inspirado, que apresenta a ficha timbrada nas duas faces. Numa das faces tem o *Pedido de Admissão* e no outro lado reserva lugar para a *Proposta* dos dois associados e para a *Resolução da Direcção*.

Este último modelo torna-se evidentemente mais caro por implicar uma dupla impressão da ficha na tipografia e não apresenta nenhuma vantagem de funcionamento em seu abono. Por este motivo parece-me mais aceitável o modelo que aqui se apresenta.

Poderá parecer, à primeira vista, que todo este sistema de admissão de asso-

QUADRO I

Associação Mútua de Seguro de Gado Bovino de S.^{to} António

VILA VERDE

Pedido de Admissão N.º 1	Proposta	Resolução da Direcção
<p style="text-align: center;"><i>Joaquim Martins Vale</i></p> <p>de 32 anos de idade, estado <i>casado</i> e morador em <i>Valbom</i></p> <p>pretende ser admitido como sócio desta Associação ao abrigo do que dispõem os seus estatutos.</p> <p>Declara que tem pleno conhecimento dos Estatutos porque a mesma se rege e que dá anuência a todas as suas disposições, as quais se obriga a acatar rigorosamente.</p> <p>Vila Verde, 7 de <i>Outubro</i> de 1963</p> <p>a) <i>Joaquim Martins Vale</i></p> <p>a) Assinatura do requerente.</p>	<p>Os sócios abaixo designados, propõem para sócio desta Associação o Sr. <i>Joaquim Martins Vale</i></p> <p>Vila Verde, 7 de <i>Outubro</i> de 1963</p> <p>O Sócio N.º 13 <i>António José da Costa</i></p> <p>O Sócio N.º 19 <i>Manuel Pereira Tomaz</i></p>	<p>O candidato a sócio foi <i>admitido</i> em sessão de 12 de <i>Outubro</i> de 1963, ficando com o n.º 36 de inscrição desta Associação.</p> <p>Vila Verde, 12 de <i>Outubro</i> de 1963</p> <p>O Secretário,</p>

a que se dá usualmente o nome de *ficha de admissão*, de que apresento um modelo, preenchido com nomes supostos, a título de exemplo (Quadro I).

Poder-se-iam apresentar outros modelos, com o traçado e dizeres apropriados aos requisitos de admissão de asso-

ciados obedece às normas rígidas da burocracia e que não seria preciso tanto rigor de escrituração.

A grande parte dos associados admira-se de ser preciso levar até este ponto o regular funcionamento de associações tão simples.

Verifica-se porém, através da experiência, que os três requisitos citados, e apontados na ficha, são efectivamente necessários.

Na verdade, como acima referi, há casos, e muitos são os que se poderiam citar, em que os associados julgam ter feito favores à Associação quando dela começaram a fazer parte. Aparecem

interesse do requerente, dar-lhe-á uma certa segurança e tranquilidade ao decidirem e o aceitem como sócio em reunião de direcção.

Os estatutos das Mútuas de Seguro de Gado oficializadas, isto é, com alvará

QUADRO II

ASSOCIADO N.º 39

Nome *José Marcelino da Costa*

Idade 36 anos. Estado *Casado*

Morada *Novegilde*

Pedido de admissão n.º 27 de 8 de *Janeiro* de 1963

Os proponentes { Sócio n.º 4 Nome *António Albino da Silva*
 { Sócio n.º 10 Nome *José Joaquim de Araújo*

Admitido em 14 de *Janeiro* de 1963 na qualidade de sócio *Ordinário* conforme a acta da Direcção desta data.

Exonerado em de de 196..... a seu pedido. Excluído em de de 19..... por deliberação da Direcção, em sua sessão desta data.

Falecido em de 19.....

mesmo lavradores que se dizem obrigados a pertencer a determinada associação, vendendo os seus produtos agrícolas através dela, no âmbito das suas finalidades.

Aqui aparece a justificação de ser necessário que o futuro sócio faça *um pedido*, por escrito e assinado por ele próprio; agora se compreende que o mesmo pedido seja *abonado* por dois sócios.

Esta proposta, garantindo junto dos dirigentes da sociedade cooperativa o

concedido pelo Governo, preceituam que os associados deverão ser admitidos apenas em reunião de Direcção.

Esta norma, que se mostrou eficaz através da experiência, não deve nunca deixar de ser seguida.

A gerência dos bens e da vida da Mútua pertence à Direcção que só deverá tomar decisões com a maioria dos directores presentes às reuniões. Se acaso os associados fossem admitidos por um só dos directores, caminhar-se-ia certamente para um sistema não uniforme de

decisões, com as graves consequências da crítica fundamentada aos actos da gerência.

Além destas razões que aponte, acresce ainda que, todas as decisões importantes, como são as de admissão de associados, devem ficar registadas em livro de actas da Direcção e isso só será possível uma vez que as deliberações sejam tomadas pela maioria dos membros da Direcção.

Estas associações agrícolas apresentam uma faceta um tanto diferente de todas as outras. Cada associado vai pagando uma certa importância ao longo do ano para ter direito a ser indemnizado sempre que seus gados sejam atingidos por doenças ou sinistros.

Ora acontece que nem todos os donos de gado serão cuidadosos com os seus animais. Para além das normas que os estatutos contêm, para evitar abusos por parte dos associados, deve ainda a direcção tomar todas as precauções quando lhe são apresentados pedidos de admissão de novos sócios. Sobre este aspecto, apresentam-se valiosas as informações que os vizinhos podem prestar, quanto à idoneidade moral dos requerentes e quanto à maneira como os mesmos tratam os animais.

Fazendo parte integrante da escrita, existe o *registo de associados* que é feito em livro próprio, com as folhas devidamente numeradas e rubricadas pelo presidente da Assembleia Geral. Neste livro registam-se todos os associados, fundadores e ordinários, sendo-lhes atribuídos números, pelos quais são identificados em todos os registos e documentos da mútua.

O traçado do livro de *registo de associados* é também muito simples como se pode verificar pelo esquema anexo. Dispõe de locais apropriados para a total identificação de cada sócio, com elementos de referência copiados da ficha de admissão (Quadro II).

Em geral, em cada página deste livro de registo de associados podem inscrever-se três aderentes, o que torna o preço relativamente baixo.

A terminar este assunto referente à admissão de sócios quero indicar duas normas de carácter prático, que muito

poderão ajudar quem tiver de lidar com estes problemas.

1 — As fichas de admissão devem ser guardadas por ordem alfabética, tornando fácil a procura de cada associado. Neste ficheiro, por cada sócio fundador, deve também ser colocada uma ficha, pela razão que se indica no número seguinte.

2 — Quando à Mútua seja apresentado um pedido de admissão, deverá o escrivão ou o secretário da direcção verificar, pelo ficheiro respectivo, se o requerente já alguma vez foi sócio ou não.

Tive ocasião de verificar, em certas Mútuas de Gado, que alguns associados fizeram vários pedidos de admissão, com datas diferentes.

Se a norma que aponte em último lugar fosse observada, tal não aconteceria, evitando duplicações e até erros de escrituração.

Nestas ocasiões, o livro de registo de associados nada pode informar, a não ser que, por cada requerente, se corra o livro do princípio ao fim, uma vez que os nomes não estão dispostos por ordem alfabética.

Se é certo que o saber não ocupa lugar, aqui fica o conselho que julgo proveitoso para muitos voluntariosos escrivãos das nossas tão simpáticas Mútuas de Seguro de Gado.

(Continua)

FORÇAGEM

(Conclusão da pág. 908)

çagem (encargo de 60\$/m² de estufa coberta; horas de trabalho are), as unidades correntes em grande cultura ao ar livre, tais como contos/hectare e dia-homem/hectare, não têm significado quando se trata de culturas forçadas. À crescente intensificação corresponde um adequado emprego de unidades menores, mais expressivas e ajustadas.

Assim, pois, a unidade fundamental da medição da mão-de-obra é a hora. Por horas se mede o tempo de trabalho empregado durante o ciclo cultural, como em horas se medem as durações das várias operações; enfim, à hora, se refere a produtividade.

Poluição das Águas Interiores

Dum prezado leitor da Gazeta das Aldeias recebemos uma carta chamando-nos a atenção para um caso de poluição das águas do Rio Lena.

Desde sempre que os rios foram considerados como um vazadouro de tudo que não presta — ou melhor, daquilo que nos incomoda — e que as correntes de água poderão levar até ao mar.

Mas se nos lembrarmos que, dia a dia, o desenvolvimento das populações se manifesta num ritmo cada vez maior, e que o consumo de água acompanha esse ritmo em muito maior escala dada a sua mais vasta utilização pela indústria e agricultura, temos que encarar o problema da utilização das correntes de água como meio condutor, por forma diferente de há trinta ou quarenta anos atrás.

Se nessas épocas, os despejos para rios — embora causando mal — podiam ser benignamente tolerados, nos tempos actuais é que se não pode admitir qualquer uso — e muito menos abuso — de tais vazadouros.

E se já o Regulamento de 1893, quanto às águas interiores do País, proibia a poluição das mesmas, muito mais a recente legislação procura defender a sua pureza.

O que não faz sentido, porém, é que organismos oficiais mantenham instalações cujos despejos provoquem uma poluição tão acentuada que causem resultados condenáveis sob todos os pontos de vista.

A *Gazeta das Aldeias* tem sempre combatido a favor da pureza das águas interiores. Acompanhou e auxiliou, através da sua Secção de Pesca, todo o esforço desenvolvido nestes últimos anos a favor de um melhor aproveitamento das águas — rios e represas — como fonte importante de receita para a Nação.

É com pesar que se tem de registar factos como os que constam da carta agora recebida, que só confirma o que por vezes outros colegas nossos já têm mencionado.



Efeitos da poluição das águas no Rio Lena

Não faremos comentário algum por desnecessário, pois estamos certos de que os serviços competentes saberão actuar e resolver o assunto como é preciso.

Calendário Apícola

DEZEMBRO

Preparado, nos meses anteriores, o apiário para passar o Inverno, a atenção e os cuidados não podem, contudo, afrouxar.

Período de absoluto repouso, é certo, deve porém garantir-se que não haja infiltrações de água nas colmeias e que a alimentação se faça em boas condições.

Aproveitar a época para a preparação do terreno onde se plantarão árvores, arbustos e outras plantas melíferas, escolhendo as espécies que floresçam nas épocas de falta de pólen da flora local.

As noites de Inverno são o momento oportuno para pôr em dia a escrituração atrasada. Lembre-se do livro de registo do apiário ou do ficheiro se já adoptou esta forma mais perfeita de escrituração. Estude-o cuidadosamente vendo quais foram as melhores colónias. Serão elas as utilizadas para a criação de abelhas mestras para renovação e fortalecimento das colmeias enfraquecidas. Dessa forma, ao mesmo tempo que aumenta a produção de mel, irá fazendo o apuramento da raça.

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duílio Marques, Eng. Agrónomo; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária de Viseu*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Professor da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo — da *Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

I — AGRICULTURA

N.º 142 — Assinante n.º 36 899 — *Caxias*.

ADUBAÇÃO DE TRIGO

PERGUNTA — Tenho semeado trigo sobre a restiva de bersim e tenho verificado que o trigo, quando novo, morre muito. Que devo fazer para que tal não suceda?

Verifica-se que, nesta região, o bersim já não produz como produzia há uns anos atrás. Será deficiência de adubações? Se for, qual a adubação aconselhável?

RESPOSTA — O simples e lacónico enunciado dum facto, só por si, não patenteia as causas que o originaram. O dizer unicamente que o bersim e o trigo já não produzem como produziam, só deixa o campo aberto a hipóteses. Se não houve mudança das condições meteorológicas que normalmente ocorriam nas boas produções, é lógico supor diminuição de fertilidade do solo, afastadas doenças que

atacassem as plantas. É possível que o solo esteja esgotado. Sei que houve um afolhamento em que se aproveitou o restolho dum leguminosa. Mais nada. Deve haver necessidade dum adubação. Pode aplicar ao trigo: adubação de fundo — 60 kg dum nitro-amoniaco; 400 kg de superfosfato de 18 o/o. Em cobertura — 1.ª, 100 kg de nitrato de sódio; 2.ª, 80 kg do mesmo, por ha. — *M. Ramos*.

II — FRUTICULTURA

N.º 143 — Assinante n.º 36 788 — *Carvoeiro (B. B.)*.

ESCOLHA DE TREPadeiras. ESCOLHA DE ESPÉCIES POLINIZADORAS DE MACIEIRAS

PERGUNTA — a) Desejava guarnecer 2 muros que possuo, com 4 metros de altura, com trepadeiras. Um está voltado a Norte e o outro a Leste.

Quais as trepadeiras que melhor se prestam para esse fim e a distância a que devem ser plantadas umas das outras?

b) Posso uma macieira Espelho e uma ameixeira Rainha Cláudia. Ambas estão muito desenvolvidas mas não dão fruto. Só agora soube que são auto-estéreis. Desejava saber quais as variedades que as polinizam, bem como se dará resultado enxertar alguns ramos daquelas árvores nas variedades polinizadoras, ou se se terão de plantar estas nas proximidades?

c) Num livro francês sobre viticultura, que possuo, vem a expressão: «*taille en tête de saule*». Embora possua um bom dicionário não vem lá aquela expressão e a tradução literal nada me elucida, motivo por que peço, se possível, me esclareçam sobre o seu significado.

RESPOSTA — a) São várias as trepadeiras que pode utilizar, devendo indicar-se especialmente as seguintes:

Vinha virgem — rústica, vigorosa, cobrindo rapidamente a superfície a revestir, tendo apenas o defeito de, no Inverno, não ter folhas;

Ficus repens — muito ornamental, estando indicado para as casas solarengas, com folhas permanentes, tendo o defeito de ser mais moroso no crescimento e portanto levar mais tempo a fazer o revestimento;

Heras — são várias as heras que se podem utilizar com essa finalidade, de tonalidades diversas desde o verde carregado até ao claro, tendo a vantagem, como a espécie anterior, de se manterem com folha durante todo o ano.

As duas últimas espécies são mais exigentes quanto a humidade e terrenos.

b) A macieira *Espelho* pode ser polinizada com qualquer das variedades Astrakan Rouge Gronho, Camoesa fina, variedades de floração temporã.

Pelo que se refere à Rainha Cláudia, outros factores são responsáveis pela improdutividade. São boas polinizadoras desta as variedades Victoria, Jefferson, Quetshe d'Italia.

Pode, para conseguir a fecundação, enxertar alguns ramos com as espécies

VINHOS-AZÉITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azéites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Oficiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dir.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

polinizadoras ou plantar próximo indivíduos destas variedades.

c) A expressão *Taille en tête de saule* refere-se à poda que se faz aos vimes e às videiras pés-mães.

A haste é atarracada à altura conveniente, e como a tendência é sempre para a rebentação se dar na parte superior, os rebentos formam-se nessa zona que, em virtude das múltiplas cicatrizes, forma um entumescimento globoso, uma *cabeça*.

É, como disse, a poda tradicional e rotineira que se faz às novas videiras-mães. — *Madeira Lobo*.

VI — JARDINAGEM

N.º 144 — Assinante n.º 39 454 — Coimbra.

ADUBAÇÃO DO JARDIM

PERGUNTA — 1.ª Preciso de fazer a adubação de um jardim, mas queria que me informasse quais os melhores adubos para as seguintes plantas: hortenses, azáleas, rododendros e buxo, e para este queria também saber qual a época preferível para a sua poda.

Devo informar que a região em que tenho o meu jardim (concelho de Gouveia) é de terras ácidas, muito pobres em calcário.

2.ª Peço também me informe qual a relva preferível para jardins nesta região de Gouveia, onde por vezes cai neve e frequentemente fortes geadas.

3.ª Queria ainda saber qual o herbicida que me aconselha para os arruamentos do jardim.

4.ª Gostava de arranjar num canto do meu jardim um caramanchão e aconselharam-me um arbusto denominado «*ulmus montana pendula*». Será espécie que se dê bem nessa região?

5.ª Ainda uma outra pergunta a que rogo o favor de responderem. Qual a espécie de amoreira que tem frutos muito saborosos?

Milhos híbridos de caule açucarado da Missão Biológica da Galiza — Estes milhos proporcionam grandes colheitas de grão, da ordem dos 6.000 a 7.000 quilos por hectare, e caracterizam-se ainda por conservarem as suas palhas verdes depois da colheita das espigas.

Como as nossas disponibilidades de semente para a próxima sementeira são limitadas, a lavoura tem toda a vantagem em fazer imediatamente as suas requisições à **Casa das Sementes de Alfredo Carneiro de Vasconcellos & Filhos** — Rua de S. João, 111 — PORTO, que tem o exclusivo de venda destes milhos para todo o território português.

RESPOSTA—1.^a Um adubo que possa aplicar, com resultado, a todas as plantas de jardim, deve oferecer azote, fósforo e potássio, em proporções e num estado de solubilidades convenientes. Os adubos foliares prestam-se bem a esse fim. Tanto podem usar-se em pulverização como dissolvidos em água para rega ao pé. Há no mercado o «Ferfoli» e outros parecidos. Pode aplicar uma calagem ligeira, 10 quilos por m. q. de Agrolis.

2.^a Não há nenhuma relva que goste de neve. O lawn-grass defende-se razoavelmente do frio. As ray-grass, também.

3.^a Há tantos... Tem o «Atlacide»; o «Gramevin»; a «Simazina».

4.^a Suponho que sim.

5.^a Há no mercado algumas variedades sem nomenclatura científica, que também desconheço.

Os frutos são relativamente grandes, e comem-se com agrado.—*M. Ramos.*

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 145 — Assinante n.º 4184 — *Alfândega da Fé.*

MOSCA DA COUVE

PERGUNTA — Muito grato ficaria que se dignasse dar-me a sua douta opinião acerca do que é viável fazer a fim de evitar as pragas que invadem uma horta que possuo num terreno contíguo à casa de vivenda.

Pelas amostras que envio verificará que uma das pragas é constituída pelas lagartas que pastam as folhas das couves, encontrando-se quase todas as couves existentes nessa horta como que só tendo as nervuras.

A outra praga é também um bicho branco que se encontra no interior do caule da couve, na parte subterrânea e que faz com que a couve morra. Esta praga ou semelhante já o ano passado, na mesma horta, atacou os feijões. Supondo tornar-se necessária uma boa desinfecção do terreno, pois assim vejo-me impossibilitado de continuar ali a ter horta, venho pedir o favor de me dizer o que se lhe oferecer.

RESPOSTA — Confirmamos ter sido verificado na amostra enviada falsas larvas da «mosca da couve» e larvas própria-mente ditas de nóctuas.

A polvilhação repetida feita de manhã estando as couves ainda humedecidas

pelo orvalho da noite com DDT para polvilho é prática que atacará os 2 parasitas referidos.

Complementarmente, e para evitar o aumento da incidência da «mosca da couve» deverão ser queimados os pés velhos desta crucifera que se encontram ainda na horta.—*Benevides de Melo.*

XXIII — DIREITO RURAL

N.º 146 — Assinante n.º 43 764 — *Arganil.*

LEVADAS

PERGUNTA — Tenho umas courelas no limite de uma levada de rega onde existem talvez mais 40 inquilinos; a dita levada é de almotaçaria todos os anos nomeado pela Câmara.

Essa levada dá passagem a todos os confinantes e, ainda, outros de outras propriedades e também, ou com direito ou sem ele. Sucede que a levada caiu no limite de dois confinantes, e nem a Junta de Freguesia, nem a Câmara, nem os proprietários, querem fazer obras, estando as propriedades secas por tal motivo.

Desejava saber a que hei-de recorrer para regar as minhas hortas, os meus feijoads seródios e tanto outro renovo seródio.

RESPOSTA—1. Pelo facto do Senhor Consulente dizer que a levada é de almotaçaria, termo antigo que significa «fixação do preço dos géneros alimentícios, feito pelo almotacé» que além desta função tinha ainda a de inspector de pesos e medidas (Cfr. «Novo Dicionário da Língua Portuguesa» de Cândido de Figueiredo, Nova Edição (1913), in, Vol. I, pág. 78), calculo que seja uma levada construída pelo município.

2. A estas refere-se o art. 108.º do Dec. 5787-iiii, dizendo que compete ao município a sua administração, e estabelece o § 2.º que «as corporações administradoras... regularão o uso e distribuição das águas e proverão à conservação, limpeza e desobstrução das obras, podendo fazer posturas e regulamentos para esse fim».

3. Deste modo parece-me que, na falta de posturas ou regulamentos que determinem coisa diferente — e que desconheço, porque locais — é à Câmara que compete resolver o assunto.—*A. M. O. Pinheiro Torres.*

PREOCUPAÇÃO DE ÁGUAS PÚBLICAS

PERGUNTA — Há 100 anos ou mais, e conseqüentemente antes da promulgação do Código Civil, pelo que tem o carácter de pré-ocupação, os habitantes desta povoação constituíram-se em sociedade e por meio de um açude e uma vala com 18 quilómetros de extensão, conduziram as águas de um rio para a bacia hidrográfica de outro rio, não só para irrigação dos seus prédios como também para fins industriais, como sejam: accionamento de azenhas, lagares de azeite, turbinas para força motriz, etc.

Esta obra, pelo seu vulto, foi considerada uma temeridade e ficou em muitos centos de milhares de escudos, tendo em vista, bem entendido, o devido coeficiente em relação aos nossos dias, mas veio dar tal incremento ao agro e à indústria da nossa terra e ainda ao seu volume populacional que se pode dizer que o seu valor foi elevado a 10 ou 12 vezes mais, em todos os sectores. Aquele açude e aquela vala é o orgulho desta terra e a sua condição vital.

As águas foram divididas, como não podia deixar de ser, proporcionalmente às importâncias dispendidas, porque os trabalhos foram por empreitada e o povo não prestou serviço, ou se o prestou, foi-lhe pago. Isto perde-se na noite dos tempos, e não há uma certeza absoluta, mas na escritura da divisão das águas, só essa divisão consta, pura e simples.

Mas agora, com a febre das barragens, também esta obra — talvez a mais vultosa, no género, no nosso país — foi atingida, estando já em curso os trabalhos preliminares, um pouco a montante do nosso açude, mas ainda chega o refluxo das suas águas, pelo que nos parece não ser possível construir a barragem sem inutilizar, logo de início, a nossa obra.

Devo elucidar de que as turbinas da barragem ficam na bacia hidrográfica de outro rio, exactamente como acontece na barragem da Venda Nova, em que as águas vão do Rabagão para o Cávado, pelo que para o nosso açude só podem ir as remanescentes, quando as houver, e mesmo estas com acentuada irregularidade, o que briga com as disposições do D. 5787 IIII.

A beira da nossa vala e quando a topografia do terreno o permitia, foram construídas algumas azenhas, sem prejuízo dos sócios da empresa, umas pelos próprios sócios utentes primitivos e outras por iniciativa singular e colectiva, por pessoas que não pertenciam à sociedade.

Pergunta-se: temos direito a ser indemnizados dos prejuízos que a barragem nos causa? O montante da indemnização é dividido em conformidade com as cotas de cada sócio? Os proprietários dos moinhos, alheios à sociedade, terão parte na indemnização?

RESPOSTA — 1. Pela legislação anterior ao Código Civil (nomeadamente pelo Alvará de 27 de Novembro de 1804), era permitido derivar a água dos rios ou

ribeiras por meio de canais ou levadas para a irrigação das terras ou para movimentar engenhos. Este era no entanto um simples direito de aproveitamento das águas; mas no nosso antigo direito aqueles proprietários que fizessem obras de captação da água, ficavam a ter o direito de presa (a chamada preocupação), de tal modo que desde que a água entrasse no prédio deixava de ser pública, para tornar-se particular e, portanto, propriedade do que preocupava as águas (Cfr. «Lições de Direito Civil — Direitos Reais» proferidas pelo Prof. Doutor Pires de Lima e publicadas por David Augusto Fernandes — Coimbra, 1946 — 3.ª ed. — págs. 136 e seguintes).

2. Deste modo, partindo do princípio que houve realmente preocupação, as águas foram adquiridas de acordo com as leis anteriores à promulgação do Cód. Civil e tal situação foi respeitada por este e ainda pelo Dec. 5787 iiii, no seu art. 33.º, que no entanto ressalvou a expropriação por utilidade pública.

3. Assim, e dado o exposto, os consortes desse aproveitamento têm o direito de ser indemnizados, e desde que existe escritura da divisão de águas, de acordo com ela.

4. Quanto aos proprietários de moinhos, alheios ao aproveitamento acima referido, já se me afigura problema de solução mais difícil.

Partindo do princípio que estes aproveitam água que — porque preocupada pela sociedade — é particular, pode ter havido uma transmissão parcial de propriedade da água deste para eles. Se for este o caso, sem dúvida, que deverão ser indemnizados, mas essa indemnização vai sair do todo e tudo se passará afinal como se estes últimos fossem também consortes primitivos. Pode no entanto esse aproveitamento ser feito por uma tolerância — que nem sequer deu lugar a posse e portanto não pode ter havido prescrição aquisitiva — e nesta altura afigura-se-me já que o não deverão ser.

Pelo menos, e sem aprofundar o problema — o que a razão de ser desta secção me parece não justificar —, é o que se me afigura ser a solução mais plausível. — A. M. O. *Pinheiro Torres*.



INFORMAÇÕES

Calendário de Dezembro

Durante este mês a duração do dia é de 9 h. e 41 m. em 1, e de 9 h. e 29 m. em 31.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Domingo	7.35	17.16	18. 1	7.54
2 Segunda.	7.36	17.16	18.58	9. 6
3 Terça	7.37	17.15	20. 0	10.11
4 Quarta.	7.38	17.15	21. 6	11. 8
5 Quinta	7.39	17.15	22 13	11.55
6 Sexta.	7.40	17.15	23 17	12.34
7 Sábado.	7.41	17.15	*	13. 8
8 Domingo	7.41	17.15	0.20	13.37
9 Segunda	7.42	17.15	1.19	14. 4
10 Terça	7.43	17.15	2.17	14.30
11 Quarta.	7.44	17.15	3.14	14.56
12 Quinta	7.45	17.15	4.11	15.23
13 Sexta.	7.46	17.15	5. 9	15.52
14 Sábado.	7.46	17.15	6. 6	16.25
15 Domingo	7.47	17.16	7. 3	17. 2
16 Segunda.	7.48	17.16	8. 0	17.45
17 Terça.	7.49	17.16	8.54	18.33
18 Quarta.	7.49	17.16	9.43	19.27
19 Quinta.	7.50	17.17	10.28	20.26
20 Sexta.	7.50	17.17	11. 9	21.28
21 Sábado.	7.51	17.18	11.45	22.31
22 Domingo	7.51	17.18	12.18	23.36
23 Segunda.	7.52	17.19	12.49	*
24 Terça.	7.52	17.19	13.19	0.41
25 Quarta.	7.53	17.20	13.51	1.49
26 Quinta.	7.53	17.20	14.24	2.59
27 Sexta.	7.54	17.21	15. 2	4.12
28 Sábado.	7.54	17.22	15.46	5.26
29 Domingo	7.54	17.22	16.38	6.39
30 Segunda.	7.55	17.23	17.37	7.49
31 Terça.	7.55	17.24	18.42	8.50

Q. C. em 23 às 19 h. 54 m.; L. C. em 30 às 11 h. e 4 m.; Q. M. em 7 às 21 h. e 34 m.; L. N. em 16 às 2 h. e 6 m.

Secretarias de Estado da Agricultura e do Comércio

Portaria n.º 20161

Na evolução da agricultura portuguesa, a cultura de forragens está a revelar-se como uma das que merece maior impulso.

Na realidade, tanto o desenvolvimento da Campanha de Fomento Pecuário, na sua dupla finalidade de acréscimo e melhoria da produção animal e de restituição e aumento da fertilidade dos solos, como a procura de sementes de forragens por parte de países que têm dificuldade em produzi-las, como, ainda, o crescente interesse pela exportação de farinha de forragens, exigem, no seu conjunto, que a qualidade, e a quantidade e as condições de produção e comercialização de sementes estejam organizadas em termos de lhes darem satisfação.

Como primeira medida, estabeleceram-se as bases de ordem técnica, definidas pela Portaria n.º 17998, de 13 de Setembro de 1960, para a certificação de sementes de forragens, dando à Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas competência para assegurar os aspectos de ordem qualitativa.

Quanto às quantidades que é necessário produzir, em correspondência ao desenvolvimento da Campanha de Fomento Pecuário, reconhece-se conveniência em estabelecer esquema que regule a produção e a comercialização de sementes, coordenando a participação das empresas comerciais legal e praticamente habilitadas a intervir no sector, bem como as atribuições que devem caber às entidades oficiais, à Federação Nacional dos Produtores de Trigo e à lavoura, por forma que o citado esquema funcione sem soluções de continuidade.

É o que se leva a efeito pela presente portaria, em que se inserem normas destinadas a regular o sistema de produção e comercialização de sementes de forragens.

Deverá seguir-se-lhe diploma que se ocupará das relações entre a campanha de forragens e o fomento pecuário, que é um dos problemas mais instantes a resolver, em termos de este último não ser afectado pelo maior interesse revelado ultimamente pela lavoura em cultivar forragens para exportação de sementes ou de farinha de matéria verde. Com efeito, quando a presença de uma pecuária valorizada é indispensável à boa exploração de culturas regadas e de sequeiro, a cultura forrageira destinada à sua alimentação deve ser protegida, mas em condições de não serem contra-

riadas aquelas outras finalidades também legítimas e valiosas da cultura forrageira.

Nestes termos:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Secretários de Estado da Agricultura e do Comércio, aprovar o regime de produção e comercialização de sementes certificadas de forragens destinado à execução da Campanha de Fomento Pecuário, cujas normas fazem parte integrante desta portaria.

Regime de produção e comercialização de sementes certificadas de forragens destinadas à Campanha de Fomento Pecuário

1) Da produção e comercialização

1.º A produção e venda de sementes certificadas destinadas à execução da Campanha de Fomento Pecuário regular-se-á pelas disposições da presente portaria.

2.º Na execução da normas constantes desta portaria intervêm as seguintes entidades:

a) Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, como órgão orientador e de certificação da qualidade das sementes;

b) Corporação da Lavoura, como organismo representativo da produção e consumo;

c) Federação Nacional dos Produtores de Trigo e Corporação do Comércio, como organismos que intervêm—directamente o primeiro, por representação o segundo—na compra, beneficiação e transacção das sementes certificadas.

3.º As firmas comerciais interessadas na compra e venda de sementes certificadas, em conformidade com o regime estabelecido nesta portaria, deverão requerer, até 10 de Agosto de cada ano, a sua inscrição na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, com a indicação, por espécies e variedades, dos quantitativos que pretendem venham a ser multiplicados e cuja produção lhes é destinada.

§ 1.º Em casos devidamente justificados, poderá o director-geral dos Serviços Agrícolas alterar a data fixada neste número.

§ 2.º No acto da respectiva inscrição as referidas firmas comprometer-se-ão a adquirir as produções resultantes dos quantitativos inscritos, admitindo uma variação destes para mais 10 por cento.

4.º Na aceitação das inscrições a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas terá em conta a capacidade técnica e a idoneidade comercial das firmas requerentes.

5.º A Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, tendo em consideração os quantitativos inscritos e consultado o Conselho Coordenador do Fomento Pecuário, a Federação Nacional dos Produtores de Trigo e as Corporações da Lavoura e do Comércio, fixará, anualmente, até dez dias após a data estabelecida no n.º 3.º, as variedades e quantidades de sementes a multiplicar e as regiões de multiplicação.

6.º Na determinação dos quantitativos a multiplicar será considerado que a semente proveniente da multiplicação se destina:

a) A nova multiplicação (semente a seleccionar e a distribuir pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo);

b) A selecção e venda pelo comércio (quantitativo a determinar nos termos do n.º 3.º e seu § 2.º desta portaria);

c) A selecção e venda pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo (na proporção de cerca de três para sete, relativamente ao montante fixado de acordo com a alínea anterior, para selecção e venda pelo comércio).

§ único. Na hipótese de a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas fixar quantitativos que excedam a soma das quantidades referidas nas três alíneas deste número, esse excedente será entregue à Federação Nacional dos Produtores de Trigo para selecção e venda.

7.º Para multiplicação das quantidades referidas no número anterior, será anualmente aberta inscrição pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo de 1 a 10 de Setembro para as espécies de Outono e de 1 a 31 de Janeiro para as espécies de Primavera.

§ único. Em casos devidamente justificados, poderá o director-geral dos Serviços Agrícolas alterar as datas fixadas neste número.

8.º As inscrições são feitas nos grêmios da lavoura, em impressos fornecidos pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo, donde conste, pelo menos:

- a) Nome e morada do produtor;
- b) Nome e localização das propriedades ou folhas;
- c) Meios de acesso às searas;
- d) Características do terreno;
- e) Área a semear;
- f) Espécie e variedade a multiplicar.
- g) Quantidade a semear;
- h) Proveniência da semente;
- i) Cultura anterior e sua adubação;
- j) Tipo de sementeira (a lanço ou em linhas);
- l) Fertilização normalmente utilizada;
- m) Tipo de debulha utilizado (debulhadora fixa ou ceifeira, debulhadora própria, alugada ou à maquia);
- n) Densidade do arvoredor.

9.º Por cada seara e variedade deverá ser feita uma inscrição por forma a poderem individualizar-se as searas e a semente delas proveniente.

(Continua)

Estado das culturas em 31 de Outubro

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

Durante o mês de Outubro registaram-se temperaturas superiores às normais e tempo seco, no decorrer das duas primeiras décadas. Estas condições de clima foram bastante favoráveis aos trabalhos das vindimas e às colheitas e secagem das culturas do período Primavera-Verão, que foi possível efectuar sem interrupções. No final do mês, quando estas operações estavam praticamente terminadas, registaram-se quedas pluviométricas relativamente abundantes, consideradas muito benéficas para as oliveiras, pastagens e hortas, as

quais já estavam a ressentir-se da extrema secura do solo.

Notava-se no fim do mês um certo atraso nos trabalhos de sementeiras das culturas cerealíferas, visto que o estado de dureza das terras, consequente da seca, não consentia a sua conveniente mobilização. As chuvas então caídas vieram dar melhor sação às terras, além de terem favorecido a germinação e desenvolvimento das culturas já semeadas.

As condições de clima foram muito propícias à execução das operações de colheita e debulha do milho e feijão de regadio. Em primeira estimativa, calcula-se que as respectivas produções representem 89% e 85% das do ano passado. A produção total, regadio e sequeiro, é calculada para cada um dos produtos em — 12% e — 13% das do último ano. Em relação à média decenal, verifica-se que a produção de milho deste ano a ultrapassa em 9%, e a do feijão é sensivelmente igual.

Quanto à produção global de batata, calcula-se, em segunda estimativa, que venha a superar em 20% a do ano passado, o que corresponde aproximadamente à produção média do último decénio.

O estado do tempo durante o mês foi igualmente muito satisfatório para a cultura orizícola, não só favorecendo o amadurecimento das searas mais tardias, como permitindo que as operações de ceifa e debulha se desenrolassem em óptimas condições. Devido à falta de calor que prejudicou a cultura durante grande parte do seu ciclo vegetativo, a maturação em geral completou-se tardiamente. Calcula-se, em primeira estimativa, que a produção global de arroz seja inferior à do ano passado em 4%, ultrapassando, todavia, a média do último decénio em 3%.

O amadurecimento da uva foi acelerado pelas temperaturas relativamente elevadas que se fizeram sentir e o estado do tempo permitiu que, embora com certo atraso, as vindimas fossem concluídas em condições favoráveis. Em primeira estimativa, calcula-se que a produção de vinho represente 79% da do ano passado, que foi excepcionalmente abundante, e ultrapasse em 12% a média dos últimos dez anos. De um modo geral, os mostos são de boa qualidade e apresentam uma riqueza sacarina elevada, o que em muitas regiões leva a crer que a produção de vinho, traduzida em graus/litros, se aproxime da anterior.

Os olivais atravessaram um período crítico com a seca prolongada, que contribuiu para afectar o desenvolvimento da azeitona. As chuvas dos últimos dias do mês foram, por isso, muito benéficas. Frequentemente, notam-se os efeitos da «Traça» (*Pray oleellus*), que, conjuntamente com a seca, contribuíram para a queda de muita azeitona. Em geral, são mais irregulares e de menor importância os estragos causados pela «Mosca» (*Dacus oleae*). Presentemente prevê-se que a produção da azeitona ultrapasse a do ano anterior em 49%, o que equivale a uma colheita inferior 10% à média do último decénio.

As condições de alimentação dos gados, no que diz respeito a forragens verdes, foram geralmente muito precárias durante o mês, pois que o estado de secura do solo não permitiu o desenvolvimento normal das pastagens naturais e dos pas-

tos semeados. Por outro lado, as sementeiras que normalmente são feitas nesta época foram frequentemente adiadas em consequência da falta de chuvas.

Como se acentuou anteriormente, foi muito abundante a produção das pomóideas, especialmente as macieiras, cuja colheita ficou praticamente concluída. Nos pomares de citrinos notam-se produções irregulares, bastante melhores no Sul do que no Norte onde mais se fizeram sentir os efeitos das geadas do último Inverno. Durante o mês e principalmente nas regiões meridionais, a «Mosca do Mediterrâneo» (*Ceratitis capitata*) aumentou de actividade, originando a queda de alguns frutos.

Nos montados de azinho e sobro notou-se queda abundante de frutos devido à extrema secura do solo. Contudo, esperam-se produções superiores às do ano transacto.

As feiras e mercados foram regularmente abastecidos com os produtos próprios da época, não se tendo notado oscilações importantes e gerais nos respectivos preços.

Mais acentuadamente em algumas regiões, continuou a fazer-se sentir a falta de mão-de-obra para a realização dos trabalhos agrícolas.

A avicultura e o mercado comum

O técnico da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Dr. Joaquim de Matos Leiria, falou na Sede deste Organismo sobre «Avicultura e Mercado Comum», tema a que se subordinou o último dos habituais colóquios ali realizados.

O orador historiou o movimento de integração económica da Europa, referindo-se em particular à EFTA e ao MC, e analisou as estatísticas do comércio português com esses mercados. Salientou depois o valor económico que o M. C. representa em confronto com outros blocos económicos mundiais e deu, em síntese, a situação avícola nos países do M. C., aludindo episódicamente à chamada «guerra dos frangos», a que sucedeu a actual «guerra dos ovos».

O Sr. Dr. Matos Leiria, que ilustrou as suas palavras com alguns gráficos, terminou por encerrar a possibilidade de integração futura do nosso País nesse bloco económico, no sector da avicultura.

A interessante exposição daquele técnico foi, seguidamente, objecto dum proveitoso debate em que intervieram os Srs. Drs. Marques Esteves, Norberto Costa, Oliveira Santos, António Bravo e os Srs. Eng.º Pessoa Rolão e Rogério Marques.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Pavões — Compro 1 ou 2 fêmeas, novas, deste ano. Informar do respectivo preço por cada ave, posto sobre vagão. António Joaquim Fraústo — Montalvão, Alto Alentejo.



A C. U. F.

(SECÇÃO AGRO-QUÍMICA)

põe à disposição dos Agricultores

a) Produtos para combater males e pragas

Agral LN — Molhante-aderente para incorporar nas caldas insecticidas e fungicidas.

Albolineum — Emulsão de óleo branco para combater as «cochonilhas» ou «lapas» e «icérias».

Mergamma — Desinfectante da semente do milho, à qual assegura protecção contra os ataques do «alfinete» e doenças criptogâmicas.

Cloroxone — Poderoso insecticida com base em Clordane, indicado para o combate à «formiga argentina».

Didimac 10 e 50 — Produtos com base em DDT, especialmente recomendados para o combate à «traça» da batata e das uvas, e ainda ao «bichado» dos frutos, à «teia» da macieira, etc.

Gammexane 50 (sem cheiro) e **P. 520** — Produtos com base em Lindane, e B. H. C.,

respectivamente, indicados em especial para o combate ao «escaravelho» da batateira, «pulgão» ou «áltica» da vinha, «hoplocampas», etc.

Gamapó A — Insecticida com base em B. H. C., próprio para a destruição dos insectos do solo — «quirónomo» do arroz, «alfinete» do milho, «roscas», etc.

Katakilla — Produto com base em Rotenona, para combater os «piolhos» e outros insectos prejudiciais às plantas.

Malaxone — Éster fosfórico não tóxico com base em Malathion; combate «algodões», «afídios ou piolhos» «traças» das uvas, «mosca» dos frutos, etc.

Quirogama — Insecticida líquido para o combate ao quirónomo ou lagartinha vermelha dos arrozais.

b) Produtos para destruição de ervas e arbustos

Agroxone 4 — Herbicida selectivo com base em M. C. P. A., completamente desprovido de toxicidade para o homem e animais domésticos. O herbicida que permite uma rápida, eficaz e económica monda das suas searas sem causar quaisquer prejuizos aos cereais.

Atlacide — Herbicida total com base em clorato de sódio para a destruição

das ervas daninhas dos arruamentos, jardins, etc.

Trioxone — Arbusticida hormonal, com base num éster do 2, 4, 5 T. Embora seja também activo contra diversas ervas daninhas de «folha larga», o 2, 4, 5 T é especialmente eficaz contra plantas lenhosas, tais como silvas, diversos tipos de mato, acácias infestantes, etc.

c) Produtos auxiliares da vegetação

Horthomona A — É um preparado sintético que estimula e ace-

lera a formação de raízes nas estacas.

À VENDA EM TODOS OS DEPÓSITOS E REVENDEDORES DA

Companhia União Fabril

Av.^a do Infante Santo — LISBOA-3
(Gaveto da Av.^a 24 de Julho)

Rua do Bolhão, 192-3.º — PORTO

Um bom aumento de Rendimentos Agrícolas

é obtido por adubação orgânica e químico-orgânica (base de farinha de peixe), da acreditada marca «SEREIA», a qual inspira confiança à lavoura exigente.

S E R E I A

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda.
Breyner-SEIXAL

1898

Agentes Gerais: Aliança Agrícola e Comercial, Lda.
Calçada do Duque, 3-1.º — LISBOA - 2



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»

Um só motocultivador * 30 alfaias agrícolas

*Lavra — Sacha — Grada — Semeia —
Transporta — Cava e descava
vinhas — Pulveriza vinhas, batatais
e árvores — Serra — Rega — Ceifa —
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador
ESCOLHA as alfaias que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —
Rua do Almada, 443 — Telef. 33379 — PORTO

3886

AVERY

2876

A MARCA COM MAIS DE 225 ANOS DE EXISTÊNCIA

Balanças * Bâsculas * Medidoras para
petróleo, azeite e óleo * Cortadores
para fiambre * Moinhos para café *
Picadoras

MODELO A. 952

Capacidade — 10 quilos
Mostrador — 1 quilo
Divisões — 5 gramas

Balança semi-auto-
mática precisa,
moderna e de ele-
gante apresentação

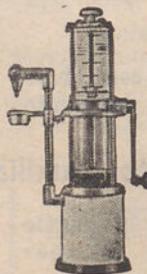


MODELO M4CH

Medidora para Petróleo,
Azeite e Óleo

Medição rigorosa e automática
nas capacidades de 1/2 e 1
decilitros, 1/8, 1/4, 1/2 e 1 litro

ESMALTADA A BRANCO
RÁPIDA E HIGIÊNICA
ELEGANTE, ROBUSTA E EFICIENTE



AVERY PORTUGUESA, L.^{DA}

SEDE — LISBOA — Rua Braamcamp, 66-70 — Telef. 42001
FILIAL — PORTO — Rua D. João IV, 28 — Telef. 22144
AGÊNCIAS } COIMBRA — Rua da Sofia, 164 — Telef. 4512
 } FUNCHAL — R. Ferreiros, 18 — Telef. 818.2286

Invs. Agricultores

Tractores **Ocrim e**

2747

Sachadores e Semeadores **"Planet"**

International

e todo o material agrícola em geral

adubos simples e compostos • **sementes** para horta, prado e jardim

Pedidos ao: **Centro Agrícola e Industrial, Lda.**

Telef. 25865/6

307, Rua de Santa Catarina, 309 — PORTO

Teleg. «Agros»

os 6

PRINCIPAIS MOTIVOS
DO ALTO VALOR DA
UROCRASINA

- 1º Dissolve e elimina o ácido úrico
- 2º Activa a diurese
- 3º Regularisa a tensão arterial
- 4º Facilita a circulação do sangue
- 5º Combate a obesidade
- 6º Desintoxica e rejuvenesce

UROCRASINA
Despecifico Anti-urico por excelencia

2816

Cruz, Sousa & Barbosa, L.da

R. D. João IV, 567-2º — PORTO — Tels. 27656 e 27657

P A P É I S E

MÁQUINAS GRÁFICAS

2457

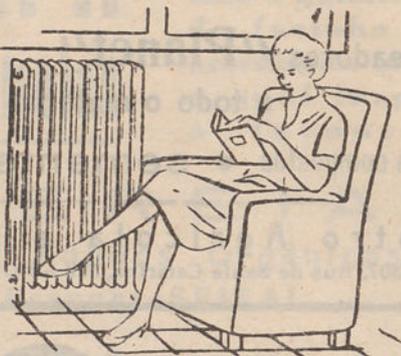
Aquecimento central "CASSELS"

Por todos
os sistemas

CONSULTE A

Casa Cassels

191—Rua Mousinho da Silveira—PORTO



3027

Visite V. Ex.^a a
Ouridesaria
Aliança

onde encontrará

Jóias, Pratas,
Mármore
e Bronzes

a preços fixos.

PORTO

191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:

R. Garrett (Chiado), 50

3056

Vinhos novos e novos Azeites

e todos os Produtos
de Alimentação

O Estabelecimento *Vino-Vito*, que tem 30 anos de existência, comunica aos Snrs. Vinicultores e Oleicultores, Comércio Retalhista e Público Consumidor, que o seu Laboratório está à sua disposição para executar todas as análises, as quais são efectuadas pelo Método Oficial. *Aparelhos* e *Reagentes* para todas as análises. *Reparação* e *Aferição* de todo o material de análises.

Cursos
sobre análises e tratamento de vinhos

Análises
de recurso
e peritagens

Dirigir ao
Estabelecimento *Vino-Vito*
Rua Cais de
Santarém, 10-1.º D.to
Telef. P. B. X. 869930
LISBOA

3983

LANTERNAS

Big Beam

COM A LANTERNA BIG BEAM
NÃO HÁ CAMINHOS DIFÍCEIS

- NA ALDEIA
- NO DESCAMPADO

caminhará seguro se levar consigo uma

Big Beam

distribuidor:

Representações SATÉLITE, LDA.

Av. Miguel Bombarda, 1-1.º Esq. LISBOA. telef. 45837 • 734610

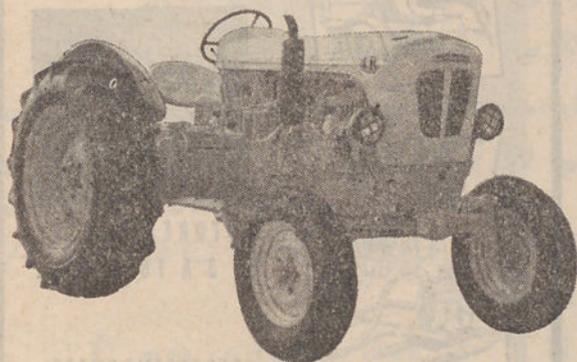
modelo 166



Aos Srs. *Viticultores*

Têm agora 2 modelos de Tractores "LAMBORGHINI"

de características apropriadas para trabalhar nas *Vinhas e Pomares*



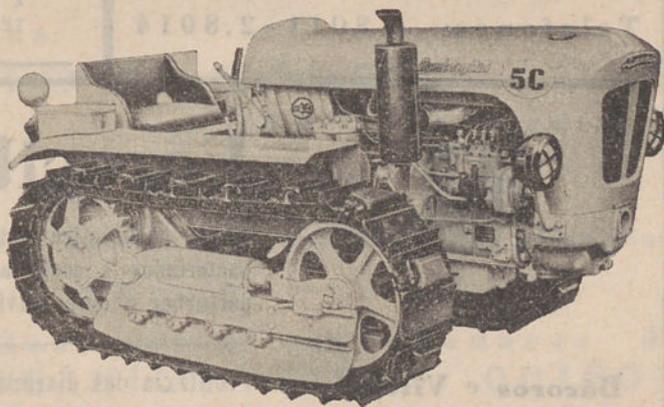
Modelo	1-R	2-R
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	1 ^m ,13	1 ^m ,40
Pneus da frente	4.00-15	5.50-16
» trazeiros	9.5-24	11.2-28

2 tomadas de força, levantador hidráulico de 3 pontos, regulador de profundidade, dispositivo automático de estorço controlado, blocagem do diferencial, 6 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.

Para os terrenos acidentados aonde os tractores de rodas têm dificuldades, há agora os modelos de rasto contínuo para todos os terrenos.

Modelo	1-C	5-C
Potência	26-HP	39-HP
Largura mínima	0 ^m ,90	0 ^m ,98 ou 1 ^m ,16

Direcção no diferencial com embraia-gens laterais, levantador hidráulico em 3 pontos, regulador de profundidade, 8 velocidades para a frente e 2 marchas atrás.



Os motores «LAMBORGHINI» — Diesel são arrefecidos por ar, e com arrefecedor do óleo, arranque a frio, **ECONÓMICOS E DURADOUROS**, porque são fabricados pela «LAMBORGHINI» e são

garantidos por 2 anos

Charruas de 5 ferros próprias para todos os trabalhos nas vinhas, Frezas, Grades de discos, etc.
ATOMIZADORES E POLVILHADORES «CHIRON»

Peça uma demonstração aos distribuidores exclusivos:

O. L. I. V. E. R.

Alameda D. Afonso Henriques, 60-A a 60-C

Telefs. PPC 72 51 33 - 72 51 34

LISBOA

Telegramas «Tracoliver»

GAZETA DAS ALDEIAS

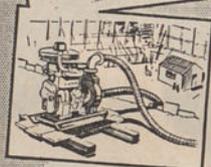
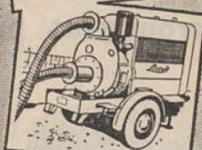
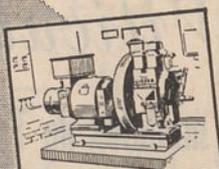
(509)

OENOL

*Sociedade Portuguesa
de Enologia, Lda.*

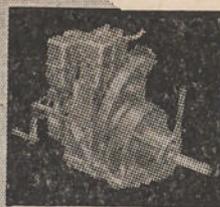
Importadores - Armazenistas
DE
Produtos Enológicos
Material de Adega
E
Material de Laboratório

LISBOA — Rua da Prata, 185, 2.º
Telefones: 2.8011-2.8014



LISTER

força motriz
para todos
os fins



MOTORES DIESEL
DE 3 A 1600 h. p.

REPRESENTANTES:

PINTO & CRUZ, L.^{DA}

R. ALEXANDRE BRAGA, 60/64 — PORTO
TEL: 26001 (P. P. C.)

2860

2177



Forocibene[®] pré-mistura a 50 %

Ação profiláctica notável contra os agentes patogéneos bacterianos e coccídias, no tracto gastro-intestinal, sem perturbar o desenvolvimento normal do animal.

Bácoros e Vitelos

Profilaxia das diarreias durante o crescimento e engorda.

Porcas em gestação

Profilaxia das perturbações gastro-intestinais durante o último período da gravidez e a amamentação.

Vacas leiteiras

Profilaxia das diarreias devidas à coccidiose, com administração complementar de vitaminas.

Galinhas poedeiras

Profilaxia da inflamação dos oviductos e das diarreias durante o período de postura.

C o e l h o s

Profilaxia da coccidiose e do meteorismo.

Um produto com a
garantia C I B A

Representantes:
Produtos C I B A, Lda — Av. 5 de Outubro, 48 — Lisboa

3801

Adubos NÍTRICO-AMONIACAIS *há vários . . .*

NITROLUSAL

3976

com 20,5% e 26% de Azoto

metade nítrico, metade amoniacal **HÁ SÓ UM,**
e é aquele que a *Lavoura* prefere para aplicar em fundo
ou em cobertura, por saber que é com ele que se obtêm
AS BOAS COLHEITAS.

— □ —

É um adubo dos 4 NNNN fabricado somente por

Nitratos de Portugal

S. A. R. L.

que também fabrica

NITRATO DE CÁLCIO

com 15,5% de Azoto, e

NITRAPOR

binário de Azoto e Potássio com múltiplas aplicações.

— □ —

Embora vendidos pelos revendedores da
CUF, SAPEC, ORGÂNICA, CIP e OUTROS,
também poderão ser adquiridos em qualquer
GRÊMIO DA LAVOURA

Prefira-os porque compra do que é bom e auxilia assim

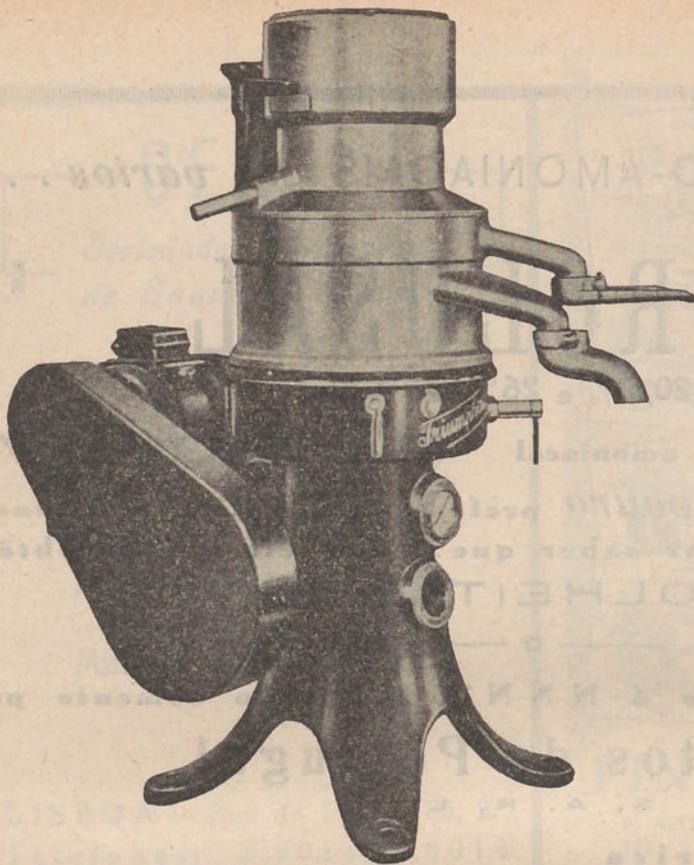
a *Indústria Nacional*



NITRATOS DE PORTUGAL, S.A.R.L.

Rua dos Navegantes, 53-2.º — LISBOA

Instalações Fabris — ALVERCA DO RIBATEJO



TRIOMPHE

SEPARADORA - CLARIFICADORA
PARA AZRITE E CALDAS
OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

O mais aperfeiçoado, simplificado e
moderno dos diversos tipos existentes

Recomendada para
lagares de azeite

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Exposição e Vendas:
Rd. Almirante Reis, 80-B a 80-E
Telefs.: 52360-53135-55354

LISBOA

Sociedade Industrial
Agro-Reparadora, L.da

3947



BALANÇAS e BÂSCULAS

Uma gama de produção que vai da balança química analítica da mais alta sensibilidade, com funcionamento automático e leitura directa do resultado de pesagem de freio amortecedor electrónico, às Bâsculas automático-registadoras mais dimensionadas para a carga máxima de pesagem de:

150 toneladas e 22 metros de ponte
Um tipo de balança para cada fim

Confie o seu problema de pesagem aos técnicos balanceiros especializados

ROMÃO & COMP.ª FÁBRICA DE BALANÇAS—LISBOA

e tê-lo-á resolvido correctamente.

Uma velha experiência de 175 anos ao serviço da mais moderna técnica.

13, Cruzes da Sé, 29 LISBOA Telefones, 870151/52

3950



Gás Mobil



O INCOMPARÁVEL SISTEMA

O GÁS DA
GARRAFA
AZUL

CLiCK!

3953

Alguns Produtos



ao Serviço da Lavoura

Adubos Orgânicos

(Guanos, Purgueiras e Correctivo)

Para todas as culturas. Particularmente apreciáveis na cultura da vinha e nas de regadio.

Adubos Químico- -Orgânicos

Para Cereais, Batata, Milho, Vinhas e Árvores de Fruto.

Fostato Thomas

O adubo fosfatado ideal para os terrenos ácidos, que constituem 85% dos terrenos portugueses.

Adubos Complexos

Adubos químicos granulados de elevadíssimo valor fertilizante.

Cuprifer

Desinfectante de sementes a seco.

Acridion

Desinfectante de celeiros e estábulos.

A-Mur

Raticida bioquímico de óptimos resultados.

Sementes de Forragens e outras

Bersim, tremocilha, luzerna, etc.

Farinhas para Animais

Alimentos mineralizados, vitamizados e com antibióticos, de elevado valor proteico e facilmente assimiláveis.

.....
IRPAL é marca de qualidade
.....

Dirigir pedidos e solicitar informações a:

IRPAL

1970

Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura (S. A. R. L.)

Travessa do Almada, 20-2.º-Esq. — LISBOA — Tel.: 869167 e 869168

S O T H U M U S

O Humus artificial que:

*Mantem a fertilidade * Activa a vida biológica * Dá corpo às terras ligeiras * Amacia as terras fortes * Aumenta a eficácia dos Adubos químicos*

S O T E X — F U R M I L

*o Potente fertilizante foliar Anti-parasitário e anti-criptogâmico
AGORA para as suas Lorangeiras e Oliveiras*

PRODUZIDOS POR:

Fábrica de Produtos Químicos SOTEX — Foz do Sousa — Apartado 338 — PORTO

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL
é o seu desejo de coçar
pessou. A comichão deso-
parece co no por encanto.
A irritação é
dominada, e
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
alvíos come-
çaram. Medi-
camento por
excelência
para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostas, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogas

VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA

RUA DA PRATA 237 — LISBOA



Tonéis em CIMENTO

(MÓVEIS)

DE UMA A DEZ PIPAS



MODELO REGISTRADO

Engarrafe os seus Vinhos e Aguardentes

Ainda vai a tempo. Os tonéis vão prontos a deitar-lhe o vinho e aguardente. Trasfegue os seus vinhos para estes tonéis e acabou o problema da s/ conservação, melhorando muito a sua qualidade e conservando-o por muitos anos. Tomamos a responsabilidade. Invenção e fabrico de:

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão



As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Concursos Internacionais

Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, insecticidas, fungicidas. Construção de Jardins, Parques e Pomares.

Alfredo Moreira da Silva & F.ºs, Lda.

Rua de D. Manuel II, 55 — PORTO

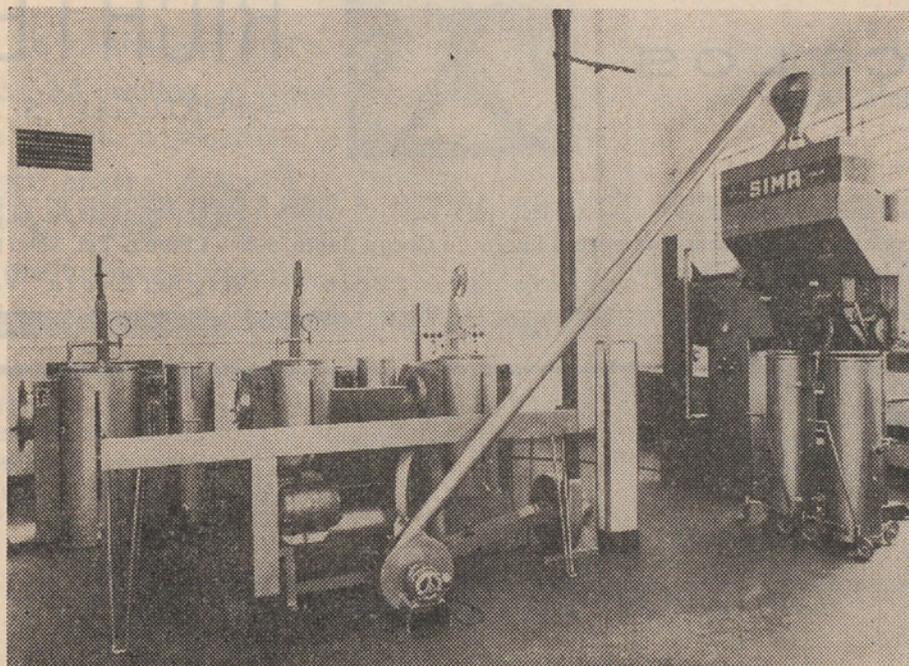
Telef. 21957

Teleg. «Roselândia-Porto»

CATÁLOGOS GRÁTIS

3977

Máquinas Industriais



Instalações para Extracção de Azeite

- *Ocupação de espaço muito reduzido*
- *Facilidade de manutenção e assistência*
- *Eliminação dos discos metálicos e dos capachos*
- *Mais quantidade de azeite e menor acidez*
- *Grande aproveitamento dos subprodutos*

S I M A

Lavadoras e Centrifugadoras
== AS MAIS BARATAS DO MERCADO ==

Representante Exclusivo para Portugal e Províncias Ultramarinas

António Câmara Cordovil

Rua de Campolide, 55-1.º D.º — Tel. 685262 — End. Tel. «Vierzon»

LISBOA - 1

8903

Garanta o futuro da sua vinha

PLANTANDO
BACELOS



RICHTER-

-(PORTUGAL) S. A. R. L.

15 variedades devidamente seleccionadas para todos os climas e castas cultivadas no país
Reserve a sua encomenda para o Largo do Corpo Santo, 6-2.º - Lisboa - Tel. 324111

Pureza varietal * Controle sanitário * Assistência técnica

3384



MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO, RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA

C. SANTOS, S. A. R. L.

TRAVESSA DA GLÓRIA, 17-LISBOA

3427



SOGERE

Sociedade Geral de Representações Lda

PORTO—Rua Infante D. Henrique, 36-1.º—Tel. 24720
LISBOA—Avenida Guerra Junqueiro, 12-3.º, Dt.º—Tel. 725.728

Tratamento e conservação do

VINHO

PRODUTOS ENOLÓGICOS
MATERIAL DE LABORATÓRIO

e
ANÁLISES

Recomendamos para colagens a Gelatina «SPA»

541

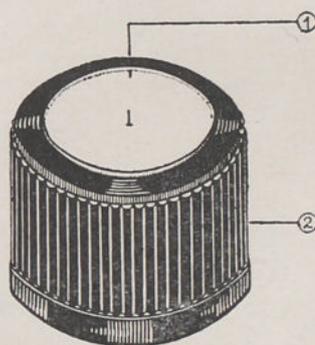
As garrafas com cápsulas "Proteque"

(Patente de Invenção n.º 29 096)

já se conhecem e são utilizadas por grande número de clientes, mas há muitos a quem importa conhecer que no engarrafamento de vinhos, o processo é ideal, pelas vantagens abaixo descritas. Pela sua vedação perfeita, este novo processo tem merecido a preferência, também, para produtos químicos, águas de colónia, oxigenados, etc.

Com este novo invento de cápsula conseguiu-se que: o disco de cortiça, metido na parte central de alumínio, fique comprimido na boca do gargalo SEM ROTAÇÃO, obtendo-se uma segurança firme pela cápsula exterior rotativa, oferecendo ainda as seguintes vantagens:

- 1) Não se prender ao gargalo, evitando cápsulas partidas.
- 2) O conteúdo da garrafa ficar somente em contacto com a cortiça, não o alterando e obtendo-se uma vedação perfeita.
- 3) Aspecto elegante e cores variadas.
- 4) Funcionamento fácil, rápido e eficiente.



- 1 Capucho metálico com o disco de cortiça.
- 2 Cápsula exterior de baquelite.

3978

e a Garrafa Tipo «Proteque»

(Marca registada)

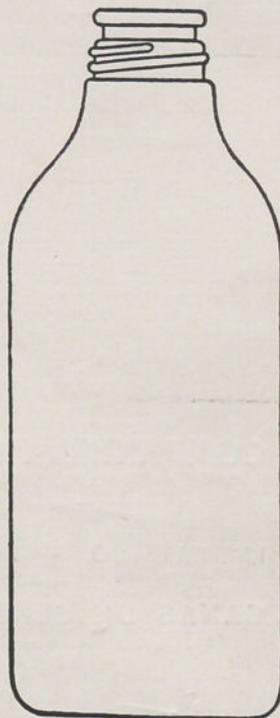
Este novo modelo de garrafa, que se fabrica em vidro branco ou de cor, oferece as seguintes vantagens:

- 1) Limpeza fácil.
- 2) Despejo do conteúdo dum maneira uniforme e SEM GORGOLEJOS EVITANDO QUE O DEPÓSITO TURVE O LÍQUIDO.
- 3) Evitar que o líquido escorra pelas paredes exteriores em virtude do rebordo especial do gargalo.
- 4) Uma base segura.
- 5) Uma capacidade ligeiramente superior, às seguintes:
1 litro — 3/4 litro — 1/2 litro — 1/4 litro —
0¹,2 — 0¹,125 — 0¹,1 — 0¹,08 — 0¹,05 e 0¹,01.

Para quaisquer informações e preços, dirija-se ao concessionário Geral para Portugal e Colónias

José A. de Mesquita Guimarães

Rua do Moreira, 69 — Telefone, 30356 — PORTO





Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

8165

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA - TELEF. 368989